

MODELOS URBANÍSTICOS MODERNOS E PARQUES URBANOS:
AS RELAÇÕES ENTRE URBANISMO E PAISAGISMO EM SÃO PAULO NA
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

FABIANO LEMES DE OLIVEIRA

TESE DE DOUTORADO

ORIENTADOR:

PROF. DR. JOSEP MARIA MONTANER

DOCTORADO EN TEORÍA E HISTORIA DE LA ARQUITECTURA
DEPARTAMENTO DE COMPOSICIÓN ARQUITECTÓNICA
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA - UPC

Março
2008

Em termos higienistas, o parque, além de sanear o tecido urbano pela substituição de um espaço alagadiço e propenso à propagação de enfermidades, atuaria, na fala dos poderes públicos, como instrumento de melhoria psico-social, influenciando no combate às práticas indesejadas, como a prostituição e a mendicância, demarcando, assim, um espaço com normas de conduta e uso definidas. A higiene física vinha acompanhada de uma postura de limpeza social, o que equivale a dizer que um meio saudável produziria efeitos positivos na conduta e na melhoria psíquica da população. Com estas claras intenções, importava a criação de um espaço para a tomada do sol, do ar e o contato com a natureza.

O tema do embelezamento segue presente e casa com a saúde pública como par satisfatório para o poder público, responsável pelas transformações urbanas. Como era típico das justificativas de construção dos passeios e jardins públicos para as elites, o discurso sanitário e de embelezamento urbano, persistia na criação deste parque, mas aparece, por outro lado, a inserção de uma alocação que se atém muito mais ao discurso próprio dos parques urbanos surgidos no XIX: a aposta pela criação de um espaço de fato público, para toda a população e onde além de ser sano e belo, proporcionar o encontro e a recreação, também fosse cenário para a prática de atividades físicas e esportivas.

Kliass comenta que no relatório que acompanhou o anteprojeto, o paisagista havia projetado áreas com essa finalidade, assinalando a necessidade de sua construção, intensificando, assim, este uso proposto para áreas do parque.¹⁰⁹ De fato, desde Repton e a defesa pela utilidade, ainda que em oposição à “beleza” se fosse necessário, e em especial com os primeiros parques de Manchester a partir de 1840, o conceito de utilidade se relaciona com a criação de áreas de recreação ativa e de práticas esportivas. Apesar disso, neste caso paulistano, ainda o embate entre “beleza” e “utilidade”, no que tange ao desenho do espaço público, iria pesar a favor da eliminação destas últimas funções mencionadas na Várzea do Carmo.

Era, até 1890, um dos espaços mais buscados pela população para a prática da natação no leito do rio e para partidas de futebol, embora fossem condenadas pelos poderes públicos já em seu momento. Entretanto, Cochet não propôs apenas esportes populares. Assim, em meio aos amplos gramados, encostas e curvas amplas dos caminhos, quadras de tênis, futebol, hockey, beisebol, boliche, patinação e um ginásio coberto, se mesclavam em ampla gama de possibilidades desportivas. Chama a atenção o fato de que busca contemplar tanto os anseios

das camadas mais populares, com a predileção clara pelo futebol, como das classes abastadas, a partir de esportes tradicionalmente mais elitistas, como o tênis e o boliche.

Em seu discurso, percebe-se sua preocupação por uma ocupação mista e pela necessidade de que assim fosse na construção da cidade moderna:

Para o estudo geral do anteprojeto do parque público da Várzea do Carmo, baseamo-nos nas necessidades da população da cidade de São Paulo, no seu desenvolvimento futuro e nas leis de higiene das grandes cidades, acrescentando uma nota artística que contribuirá com os embelezamentos projetados ou já em execução. Acreditamos assim responder aos desejos da Municipalidade que está consciente dos sacrifícios necessários à boa higiene, ao embelezamento e ao desenvolvimento da cidade.

A área posta a nossa disposição e os bairros do entorno onde a população se concentra nos levaram naturalmente a estudar um complexo diversificado onde grande parte foi reservada às áreas de recreação e jogos infantis, e áreas de esportes para os adultos.

A experiência nos tem mostrado que os parques públicos não devem ser somente passeios agradáveis e reservas de ar puro, mas devem também propiciar educação física às crianças, repouso aos adultos e o desenvolvimento da raça.¹¹⁰

Neste sentido, o paisagista se preocupou com a conexão do parque não apenas com a área central, mas também com os bairros da Mooca e do Brás, onde se concentrava grande núcleo de população obreira. O parque, portanto, se concebeu como local tanto para as perambulações despreocupadas, os passeios de barco no rio e o desfrute da contemplação, como, da mesma forma, para a prática de esportes, recreação ativa e conhecimento da natureza. A inclusão em sua fala da vontade de conectá-lo aos bairros proletários e a incorporação dessa população no pensamento sobre como deveria ser essa área verde, destaca-a como o primeiro parque público pensado com essas características na mesma área central da cidade. O Anhangabaú passou a se tornar a grande fachada das elites em direção aos bairros do outro lado da colina histórica e o parque da várzea do Carmo, por outro lado, toma seu lugar como o grande parque central de São Paulo.

Em relação à linguagem adotada no projeto, cabe destacar como o pinturesco, coincidente com as referências de Freire e Bouvard para o espaço urbano em escala cidadina, aparece também no discurso de Cochet. Retomado e transformado no século XIX na criação de um grande conjunto de parques públicos, esse modelo passa a se combinar a estruturas mais formais e geométricas, como já discutido, atendendo a um novo programa, em que áreas esportivas e edifícios de uso

variado passam a ser fundamentais. No caso da proposta de Cochet, por um lado vemos como o jardim inglês aparece pela utilização de vastos gramados, de caminhos de grandes raios, da disseminação de plantações, de terraços próximos às construções e do uso da água corrente (em oposição a lagos estáticos); e por outro mencionamos a busca de implantação do programa desportivo mencionado.¹¹¹ (fig 83-84-85)

Com o Parque D. Pedro II, o centro da cidade passou a contar com quatro importantes áreas verdes. Além do próprio: o jardim da Luz, a Praça da República e o Parque do Anhangabaú. Ernani Silva Bruno¹¹² destaca ainda que nesse período, também tinham grande uso o Parque Antártica; o Parque da Cantareira, com enorme área de floresta nativa, além do Bosque da Saúde e outros como o Parque Villon, o Parque Buenos Aires e os Jardins do Ipiranga.¹¹³

Vimos, portanto, que é com a verificação da expansão desordenada da cidade para além dos limites iniciais da colina que se gesta a preocupação com as formas integradas e científicas de intervir na cidade. Neste sentido, as áreas de várzeas passam, a partir da reflexão dos profissionais encarregados dos planos de remodelamento das primeiras décadas do século XX, como Freire e Bouvard, a ser pensadas dentro de propostas abrangentes, conectando as partes construídas do tecido urbano. Os primeiros exemplos de parques urbanos que consideramos referentes a essa nova visão da cidade foram o Parque do Anhangabaú, que articularia o centro com as novas áreas das elites, e o parque da Várzea do Carmo, conectando o centro com a zona nordeste, principal setor de desenvolvimento industrial e proletário. Reforçamos o fato de que além da busca de embelezamento, saneamento e intenção de dotar a cidade de áreas verdes nas quais se pudessem estabelecer práticas sociais e usos semelhantes ao dos espaços de mesma natureza nas principais cidades européias, se coloca ainda a reflexão sobre o seu uso público e a incorporação de novas práticas, como as esportivas, sobretudo na Várzea do Carmo. Fundamentalmente, chamamos a atenção para o fato de como foram pensados como elementos articuladores do tecido citadino, preenchendo espaços de ocupação ambígua e conectando partes da cidade. Atuaram ainda, como fortes elementos de valorização imobiliária, tanto do centro como dos bairros em expansão, bem como iniciaram enfrentamentos e debates que, além das razões de fundo econômico, estabeleceram os parâmetros iniciais para as discussões sobre modernidade urbana em São Paulo. Neste contexto o papel dos parques urbanos alcança uma importância basilar. Ver-se-ão em suas proposições o leque de possibilidades, interesses e referenciais que conjugados aos planos de melhoramentos evidenciam os ideários assimilados, as particularidades e contribuições específicas para a construção da cidade e de sua imagem. Assim, a idéia moderna de parque urbano, inserida dentro no planejamento das cidades,

difunde-se em São Paulo diretamente a partir das referências da urbanística da Europa continental, do *Town Planning* britânico e das assertivas de Hénard através sobretudo das atuações de Freire e Bouvard e, em relação à revisão programática do parque, destacamos ainda o papel de Cochet, como grande incentivador da introdução do esporte nestas áreas.



fig 83 - Vistas do Parque D. Pedro II.

À esquerda vê-se o Brás; à direita, o centro e, abaixo, a praça de irradiação das vias e passeios.

Fonte: KLIASS. 1993, p.131.

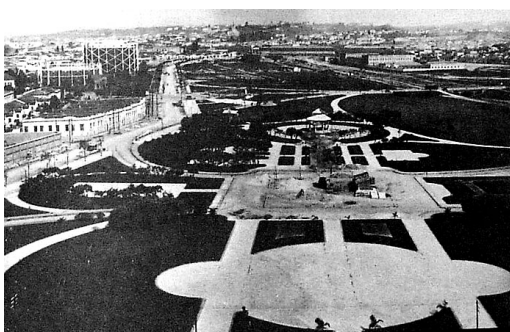


fig 84 - 85 - Vistas do Parque D. Pedro II.

Fonte: TOLEDO. 1996.

2.3 O RIO TIETÊ E A NOVA ESCALA URBANA: DA CANALIZAÇÃO À FAIXA DE PARQUES



fig 86 - Planta da Cidade de São Paulo, 1895.

Fonte: Site da PMSP.

Sinuoso, vizinho da Serra da Mantiqueira e beirando a face norte e nordeste da colina histórica, (fig 86) o rio Tietê passa a ser objeto de estudos desde a segunda metade do século XIX. A partir da proclamação da república em 1889, com as cada vez mais presentes obras de intervenção nas cidades brasileiras, o tema da salubridade e embelezamento, como já discutimos, emerge como uma das principais preocupações urbanas. Como também já discutido, o saneamento das áreas de várzeas, após a Lei de Terras de 1850, significava a recuperação e valorização econômica destes terrenos antes denegados, bem como daqueles limítrofes.

A possibilidade de enriquecimento com transações imobiliárias que inicialmente, em São Paulo, se circunscreveram nas partes altas, passa, com o exemplo positivo dos trabalhos no Anhangabaú e na várzea do Carmo, a chamar cada vez mais a atenção para os locais alagadiços, como também o eram os terrenos marginais do Tietê. Assim, os poderes públicos, pressionados pelas epidemias e práticas sociais incômodas para as elites (tal como o banho nu nas águas dos rios), bem como incentivados pela possibilidade de valorização econômica de grandes extensões

de terrenos e logo a partir da percepção da possibilidade de construção de enormes áreas de parques, dedicam um conjunto de trabalhos na tentativa de resolução destas questões.

As principais soluções discutidas para o problema das inundações partiam de marcos teóricos próprios do sanitarismo, sem que contudo deixemos de verificar outros horizontes de discussão. Neles, incluímos a preocupação pela forma urbana e a percepção da importância do aproveitamento da oportunidade de se conjugar aos trabalhos de canalização e regularização do leito do rio, a inclusão de parques urbanos e outras áreas de recreação em sua planície fluvial.

De todos os modos, importa pontuar que mesmo antes dos olhares do sanitarismo, o rio já havia sido alvo de miradas menos científicas. Além de ter sido usado para diversas atividades cotidianas, como captação de água e lavagem de roupa, suas águas já atuavam como importante espaço de recreação da população paulistana e de prática de esportes aquáticos diversos. Embora se localizasse relativamente distante do centro da cidade, algumas chácaras dos seus arredores, já nos primórdios da República, foram se constituindo como locais de recreação coletiva, congregando significativo número de usuários, sobretudo com a criação de linhas de bonde no final do Oitocentos.

Em 1864, se proíbe o banho nu nos rios paulistanos e no final do referido século o lazer não regulamentado passa a ser reprimido com profusão.¹¹⁴ Desses anos aparecem as primeiras reflexões projetuais sobre o Tietê, sendo a primeira delas, segundo Andrade e Leme, a de autoria do Visconde de Parnaíba, 1887.¹¹⁵ Desta forma, do uso popular e não regulamentado, passa-se a tentativas de controle no uso destes espaços e à realização de estudos, planos e normativas que procurassem uma solução completa para as problemáticas que se colocavam, inicialmente em termos sanitários, mas que logo se ampliaram para soluções que incorporavam a criação de áreas verdes e que não desconsideravam a possibilidade de intervir positivamente na forma da cidade. Nota-se, portanto, nas análises da história de projetos de intervenção na sua área de abrangência que - para além do saneamento das várzeas, o controle das inundações e as discussões sobre o uso das águas para abastecimento da cidade - se fizeram esforços de integração de áreas verdes, de lazer e de esportes em projetos destinados às margens.

Em 1890, após o grande surto de febre amarela do ano anterior, o governo do Estado resolveu nomear uma comissão para estudar os terrenos e a hidrografia dos rios Tamanduateí e Tietê. Dois anos depois, instituiu uma comissão de saneamento, presidida pelo Eng. João Pereira Ferraz, que realizou um plano de intervenção na área compreendida entre Osasco e a Ponte Grande,

onde se trabalhou em obras de aterro para conexão de bairros, construção de pontes, retificação e saneamento, até 1898; quando foi dissolvida por falta de dotação orçamentária.¹¹⁶

No início do século XX, se intensificaram as discussões sobre a utilização ou não do rio para a captação de água para o abastecimento da cidade, bem como se retomaram os estudos realizados anteriormente como base referencial para a continuidade dos trabalhos.¹¹⁷ Em 1913, elabora-se um plano de conjunto para a área, de autoria do Eng. O. Pacheco e Silva, que é apresentada ao Governo do Estado. Nele, além da retificação, verificavam-se parques laterais, uma linha de bondes na margem esquerda, e previa-se uma eclusa e um cais junto à foz do Tamanduateí.

Na gestão do prefeito Firminiano Pinto há um processo intrincado entre o poder municipal e o Estado para definir a quem competia realizar as obras no rio Tietê. Este já havia feito a canalização do Tamanduateí, autorizado a despender a soma necessária para o saneamento de Santos e trabalhado em trecho de 1 km no próprio Tietê. As discussões acerca das atribuições e responsabilidades de ambos os setores, entretanto, não se aclaravam. Em apelos municipais datados de 14 de novembro de 1921 e de 17 de abril do ano seguinte a prefeitura pressionava uma tomada de postura do Governo do Estado quanto ao tema. Recebe uma resposta da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado no dia 29 de maio, em que comentam que já vinham realizando estudos, pondo-os à disposição da prefeitura e solicitando por fim que esta os completasse e finalizasse o orçamento das obras, reafirmando que o Governo estaria *“pronto a prestar o concurso que as circunstâncias comportarem”*. A prefeitura demanda então cópia de ditos estudos, que são finalmente recebidos no final de junho.¹¹⁸

Na seqüência, A D.O.M. foi solicitada a dar parecer sobre os três projetos enviados pelo governo e após um momento inicial de reconhecida carência de fundamentos técnicos para emití-los, recolhe as informações e levantamentos existentes e solicita a acessória do responsável pela cadeira de “Portos, Rios e Canais” da Escola Politécnica para assessorá-la. O referido professor era José Antônio da Fonseca Rodrigues que, nas palavras de Freire, era *“engenheiro sobeja e vantajosamente conhecido no país pelo número e valor de seus excelentes trabalhos na especialidade”*.¹¹⁹

Em 1922, o Eng. J. A. da Fonseca Rodrigues apresenta suas reflexões acerca do Tietê, retomando os estudos elaborados em 1893. Em seu anteprojeto, (fig 87) claramente verifica-se nítida preocupação sanitária, em especial com o escoamento das águas, optando como

conseqüência pela criação de um canal retilíneo ao longo do leito do rio. Tal solução aumentaria assim a velocidade das águas, evitando-se desta forma que no período das secas os detritos se acumulassem, e na cheia que a retirada das águas se fizesse a tempo de evitar inundações. Indica a necessidade de construção de dois diques laterais, de 4,5m de altura, que seguiriam por quase todo o canal e em que correriam duas avenidas de 20m de largura cada.¹²⁰

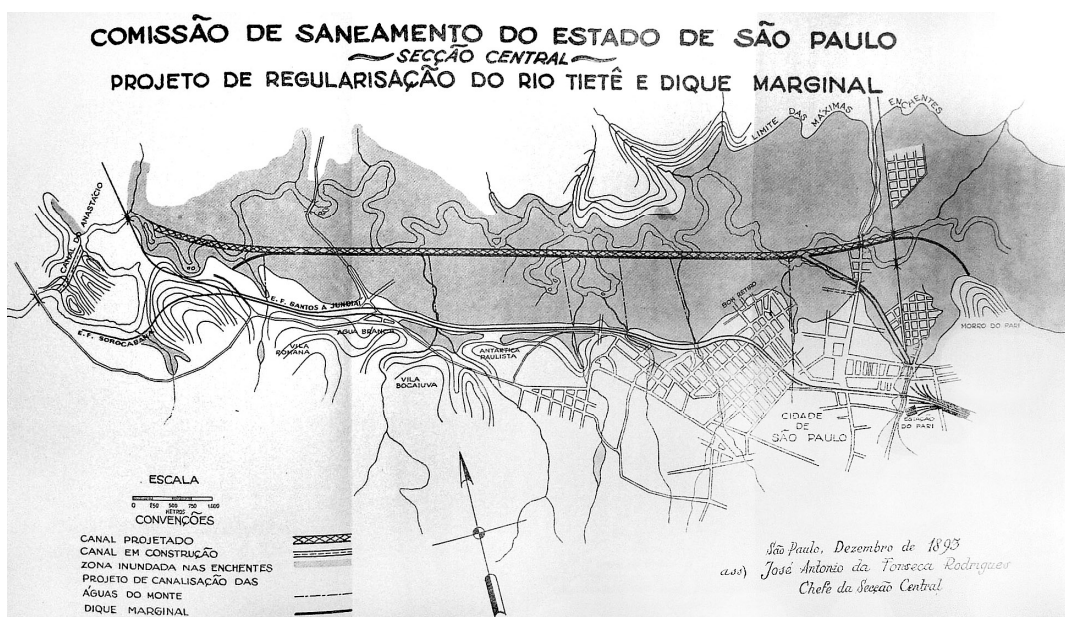


fig 87 - Projeto de José Antonio da Fonseca Rodrigues para o Rio Tietê, 1922.

Fonte: SILVA. 1950.

Fonseca refere-se, no relatório apresentado à D.O.M., à necessidade de se pensar em uma solução bela para a extensão do rio, acreditando que a sua retilinidade não fosse necessariamente um empecilho para isso. Além de mencionar que se deveria pensar em um tratamento especial para as margens fluviais, menciona a criação de dois lagos artificiais necessários para a retirada de terra para a realização dos diques situados para cima da Ponte Grande, e que seriam utilizados para as práticas da natação, remo e outras atividades. O menor se realizaria pela escavação de ilha próxima à referida ponte e o segundo, com comprimento de 3 km por quase 1 de largura, estaria próximo a um açude móvel proposto. Novamente, portanto, se menciona a criação de um parque nas imediações da Ponte Grande, o que viria a ser chamado posteriormente de “Parque Náutico”.

Freire ao invés de se centrar no que lhe havia sido demandado e limitar-se a dar pareceres aos três estudos já existentes, se detém inicialmente no realizado por Fonseca Rodrigues, criticando-o incisivamente:

A canalização do Tietê não se pode satisfazer com o ponto de vista de tal esboço, o qual se contentou em delinear a solução hidráulica a traços largos. De modo algum. ‘Seria falta imperdoável e imprevidência quase culposa não encarar as coisas de mais alto’.

Basta abrir os olhos.¹²¹

Contra o que considerava um “*chatíssimo e monótono estirão*”, argumentava que, após certas medidas:

tornar-se-á aceitável velocidade menor para as águas, e estas, escoando-se através das sinuosidades do leito atual – salvo as correções que se imponham – permitirão aliar, à grande economia decorrente nas desapropriações, a inapreciável vantagem, sob o ponto de vista estético, de manter a aparência de um curso de água natural, serpenteando ao longo da cidade.

Tais críticas constituíram o cenário adequado para a apresentação de uma contraproposta. O projeto de João Florence de Ulhôa Cintra, engenheiro da D.O.M., que logo iria realizar o “Perímetro de irradiação” para a área central e trabalhar com Prestes Maia, desenvolveu um estudo em que compartilha do argumentado por Freire, especialmente no que tange ao traçado do leito e no entendimento da necessidade de transformação efetiva não apenas do rio, mas também da sua área adjacente.

Na proposta de Cintra, (fig 88) os diques diminuem de altura, em função do aumento da área molhada; O canal apresenta certa sinuosidade e se delinea a ocupação do entorno a partir do traçado de vias, conectando as várzeas e ancorando o rio ao entorno. Acompanhando-o dispôs de vias arborizadas em ambos os lados, além de uma faixa de parques no seu eixo. A largura da área de intervenção, compreendendo o rio, as avenidas marginais e os parques adjacentes, teria 400m de largura.

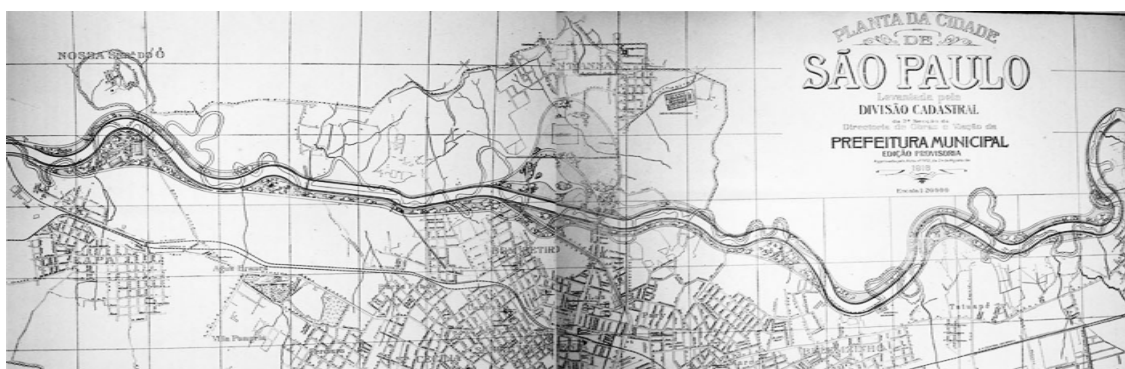


fig 88 - Projeto de regularização do Rio Tietê. Ulhôa Cintra, 1922.
Fonte: FREIRE. 1923.

Assim, ao mesmo tempo em que se inaugurava o parque central da cidade na área da Várzea do Carmo, vemos como a construção da cidade moderna também passava pelos trabalhos de intervenção na área do rio Tietê, incluindo a realização de parques públicos e de locais “pinturescos” nesse limite da cidade. Quase como uma muralha, o rio era uma delimitação pouco transposta no período. Se na Europa as experiências urbanísticas contemporâneas tratavam dos limites das cidades históricas (as muralhas), dentre outras soluções, a partir da criação de áreas verdes e de um cinturão viário, estes exemplos foram inspiradores para o conjunto de reflexões de matriz sanitaria que se desenvolveram em torno das idéias urbanísticas tendo o Tietê como foco. Recordemos ainda que Barry Parker, atento às discussões sobre os sistemas de parques e especificamente ao que Hénard havia sugerido para Paris, já havia proposto um cinturão de parques ao redor de São Paulo, em que boa parte deles se localizaria no eixo do Tietê. Podemos remeter-nos ainda para a idéia de *parkway*, pensada inicialmente por Olmsted, como uma avenida arborizada de ligação entre parques, perpassando partes da cidade. Aqui, Cintra se apropria tanto da idéia de Parker, como a mescla com outras referências européias de criação de circunvalações, para a proposição da sua solução para a nova forma do rio e de suas margens. Nas palavras de Freire, apresentando o projeto de Cintra, reforça-se a preocupação com a criação de áreas verdes, como algo essencial para a cidade moderna:

Considerando este [o ponto de vista estético], mas considerando sobretudo o atraso indesculpável em que se encontra a capital do Estado em matéria de respiradouros, de pulmões para a população, de espaços abertos, em resumo, para me servir da expressão consagrada, - completa o engenheiro Cintra o seu esboço, prevendo a formação, ao longo do canal, de uma série de trechos relvados e ajardinados, constituindo por essa forma solução do conjunto, de tal modo freqüente nas cidades modernas e adiantadas até na América, que a ciência da urbanização já lhe reservou uma denominação especial a de “parkway”.

Seria ocioso reproduzir aqui, mesmo sucintamente, a eloqüente defesa de regularização do Tietê assim ideado: sistema que satisfaz simultaneamente às necessidades da higiene, da circulação, do aproveitamento dos terrenos beneficiados e – *last, but not least* – do aformoseamento da cidade de São Paulo.¹²²

Destacamos que o espargimento dos parques no eixo do Tietê representava um segundo anel de parques pensados pela Diretoria de Obras Municipais, apropriando-se do estudo de Parker, no conjunto das intervenções que se iniciaram a partir das discussões referentes ao centro da cidade. Após a realização do Anhangabaú e do Parque da Várzea do Carmo, no primeiro anel em torno

à área central; empreendiam-se esforços para a realização deste anel periférico de parques, conjugado às vias para automóveis de ambos os lados do rio e de seu leito navegável. Logo no Plano de Avenidas, de 1930, de Prestes Maia, veremos que o terceiro anel viário se intitulava justamente “Circuito de Parkways”, conectando vários parques existentes ou em projeto, ao longo das marginais do rio Tietê e Pinheiros, passando pelo Ipiranga.

Freire apresenta, no final do artigo publicado no Boletim do Instituto de Engenharia, seu parecer que, entre referências de caráter geral, propõe que se faça, como projetado por Cintra, a regularização do Tietê, entre o aterrado da ‘S. Paulo Railway’ e a Penha, com a constituição de uma via navegável, acompanhada de um sistema de parques em toda a sua extensão.

O próprio Cintra entra na discussão defendendo seu projeto textualmente, postulando, sobretudo, o enfrentamento dos problemas urbanos a partir de uma visão de conjunto que incorporasse a reflexão sobre a criação dos espaços públicos:

A primeira impressão e sobre essa parte creio poder falar com segurança, é que os estudos feitos até hoje são estudos de engenheiros de reconhecida e indiscutida competência no assunto, mas aos quais falta o hábito do estudo dos problemas urbanos em seu conjunto. A consequência disso é que os projetos ou simples sugestões apresentadas ressentem-se de certa rigidez e formalismo, impecáveis se encarados somente pelo prisma da solução técnica, mas passíveis de crítica se levantarmos a vista e abrangermos com o olhar o rio e a cidade toda com a complexidade dos seus problemas de higiene, de viação, de conforto e aprazimento para seus habitantes.

Em qualquer dos casos, depara-se nos invariavelmente a rigidez da linha reta.¹²³

Cintra, ao dedicar-se à defesa da criação de áreas verdes, afirma que a área total de logradouros públicos na cidade girava em torno a 700.000 m², o que representava a taxa de 1,2 m² por habitante. Baseando-se no livro de Nelson Peter Lewis, *The planning of the modern city*,¹²⁴ considerava 7 m²/hab o necessário para a capital paulistana, o que significaria um déficit de 3.400.00 m². Tomando o período de 20 anos, calculava que a cidade necessitaria de, pelo menos, 10 milhões de metros quadrados destinados a espaços livres, não deixando de observar que o ideal seria um número duas ou três vezes maior.¹²⁵

De posse municipal ao longo das margens do Tietê, encontravam-se 5.500.000 m², pouco mais da metade do valor mínimo calculado pelo engenheiro. Defendendo a criação do sistema de parques, afirma que:

Poder-se-á objetar não haver necessidade de concentrar ao longo do rio a maior parte das reservas de espaços livres da cidade.

A objeção não terá cabimento por várias razões. Não se encontram, em outras zonas da cidade, terrenos de tão baixo valor pelas razões de todos conhecidas, e que reúnam tão bem os requisitos necessários para parques – proximidade dos centros mais densamente povoados, facilidade extrema de estabelecer comunicações prontas com esses centros e com o conjunto da cidade, adaptabilidade a todo gênero de esportes e, acima de tudo, a água, a rainha das paisagens.

(...)

E, por uma capacidade de análise conjuntural e de certo modo premonitório, vislumbrando o que de fato se viria a concretizar na cidade, continua:

É que vejo aproximar-se a crise; mais alguns passos e a resolução do problema do rio poderá trazer em seu bojo verdadeiro presente de gregos: a perda das últimas reservas em terrenos da cidade e, pior ainda, a perda da oportunidade única em a administração cumprir racional e economicamente um dos seus deveres máximos: dar à população os encantos de inestimável valor do ar livre; dar-lhe onde repousar e se refazer das energias perdidas na luta diária; facilitar a educação física dos moços; dar-lhes, enfim, a mãos largas um dos elementos indispensáveis para a saúde do corpo e do espírito.¹²⁶

É destacável o fato de que Cintra pensava na criação de áreas de lazer, prática esportiva e descanso ao longo do Tietê tendo em vista, não só, mas especialmente, a população operária. Os parques construídos ao longo do Tietê seriam, portanto, além de “pulmões para a cidade”, públicos, para uso múltiplo. De fato, a compreensão da cidade como objeto global, passível de planejamento em seu conjunto se desenvolve nas falas e ações de Freire e Cintra dentro do D.O.M desde os anos 10. Reforçamos, portanto, o papel fundamental que esse órgão público teve na divulgação da importância da criação de parques na cidade de São Paulo, argumentando sistematicamente a seu favor tanto, como vimos quando da proposição do sistema de parques e vias em 1911 e na defesa do trabalho de Bouvard, como em sua batalha no caso do rio Tietê.

Recordemos que até os anos 20, a ocupação para além das várzeas imediatas do rio se resumia basicamente ao bairro de Santana, ao norte. Em relação à margem sul, a área entre o rio e a ferrovia apresentava-se basicamente desocupada, sendo que a maior densidade se concentrava primordialmente na região da Ponte Grande,¹²⁷ compreendendo os bairros da Luz; parte do Bom Retiro, por um lado, e do Pari e do Brás, por outro, já na porção mais oriental da cidade, tomando como referência a área central. Deslocados a leste, já se consolidava a Penha, como

também parte do Tatuapé, definindo visualmente uma faixa marginal ao rio, relativamente livre de construções, que ia desde ali até a Lapa. (fig 89)



fig 89 - Situação do rio Tietê em 1924. Planta da Cidade de São Paulo, 1924.
Fonte: Site da PMSP.

Na região setentrional do rio Tietê, encontrava-se o Campo de Marte,¹²⁸ local de treinamento das Forças Aéreas e, à direita, uma ampla área onde se vinham fazendo escavações de terra para utilização na regularização do rio, e que vinha sendo recorrentemente destinada nos planos para a construção de um parque público (o Parque Náutico). Lembremos que a Chácara da Floresta, sítio tradicionalmente utilizado para a recreação e prática de esportes aquáticos e o próprio Clube de Regatas do Tietê, situavam-se nas imediações da referida ponte, na várzea meridional do rio. Nó entre o Tamanduateí e o Tietê, a área localizada na continuação do centro da cidade demarcava o eixo de separação entre leste e oeste e era a principal conexão entre norte e sul, uma histórica porta da cidade sendo, assim, objeto fundamental das reflexões dos profissionais encarregados de intervir na região. Além do mais, as presenças dessas quatro áreas mencionadas dotavam-na de uma especial vocação para a construção de parques e locais desportivos.

Através da promulgação de uma lei municipal, em 1923, o Eng. Saturnino de Brito fica incumbido de projetar a canalização e regularização do rio Tietê, em todos os aspectos. Tinha a incumbência inicial de evitar as inundações, regular a navegação no leito do rio, controlar o lançamento de esgotos em suas águas, e de projetar a ocupação dos seus terrenos marginais, públicos ou privados.¹²⁹ Em janeiro do ano seguinte toma posse da direção da “Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê”, recém criada pela prefeitura e que existiria apenas até outubro, após avaliação dos estudos anteriores e dos dados técnicos necessários, apresenta, em dezembro de 1925, seu projeto através de um amplo relatório.

Brito, que já realizara o projeto de saneamento para Santos de 1905 a 1910,¹³⁰ centra-se na área de influência do Tietê entre Osasco e Penha, reduzindo em 20 km o então leito de 46 km de

comprimento. Propôs, como o fez também Fonseca Rodrigues, a criação de dois lagos, resultado das escavações necessárias para o aterro e nivelamento de partes da várzea, implantados à jusante e à montante e que também seriam utilizados, como defende, para a prática de remo e natação. Em oposição à construção de diques de contenção, buscou respeitar as variações do leito fluvial e desenvolveu duas tipologias de canais, aproveitando-se, em ambas, de amplas áreas marginais como espaços verdes de escoamento do leito fluvial. Contava-se que a área total de inundação do rio era de 33 milhões de m², sendo a faixa de regularização possuidora de 8 milhões de m² e que, portanto restavam cerca de 25 milhões de m² inundáveis e aproveitáveis. Destes, calculava-se 30% para a construção de ruas, avenidas e parques, o que também representaria área próxima de 8 milhões de m².¹³¹ Como vimos, esse número não distava substancialmente dos 10 milhões de m² que Cintra anos antes havia considerado como adequada para a cidade no prazo de 20 anos.

Realiza Brito, assim, um plano de conjunto (fig 90) em que também pensa em *parkways* e na realização de áreas verdes ao longo do leito do rio, considerando suas inundações periódicas. Propôs ainda a construção de uma represa próxima a Mogi das Cruzes e outras menores nos seus afluentes para controlar a vazão e, conseqüentemente, as inundações. É interessante notar que também se refere às imediações da Ponte Grande como local propício para “dilatações”, que seriam usadas também para a recreação. Neste ponto, amplia a área de água e cria uma ilha no centro deste espaço, definindo-se assim dois canais laterais que se juntam logo adiante, reconstituindo o canal principal. Recordemos que no último quarto do século XIX, a “Ilha dos amores” marcava a paisagem da Várzea do Carmo, logo retomada como tema no projeto de Couchet. Brito, por sua vez, havendo tomado parte das discussões sobre o projeto de Fonseca Rodrigues e Ulhôa Cintra, buscava uma solução que atendesse tanto aos aspectos técnicos; como de criação de espaços belos e “pinturescos”, representados no lago, na ilha, nas áreas verdes adjacentes, nas curvas e recantos que o canal proporcionaria.

Estrutura algumas vias principais, como eixos estruturadores da ocupação das áreas vizinhas ao leito do rio, assumindo um uso misto em que grande parte fosse destinado à criação de áreas verdes. Não chega a detalhar essa proposta, no que se refere à implantação e desenho dos parques.

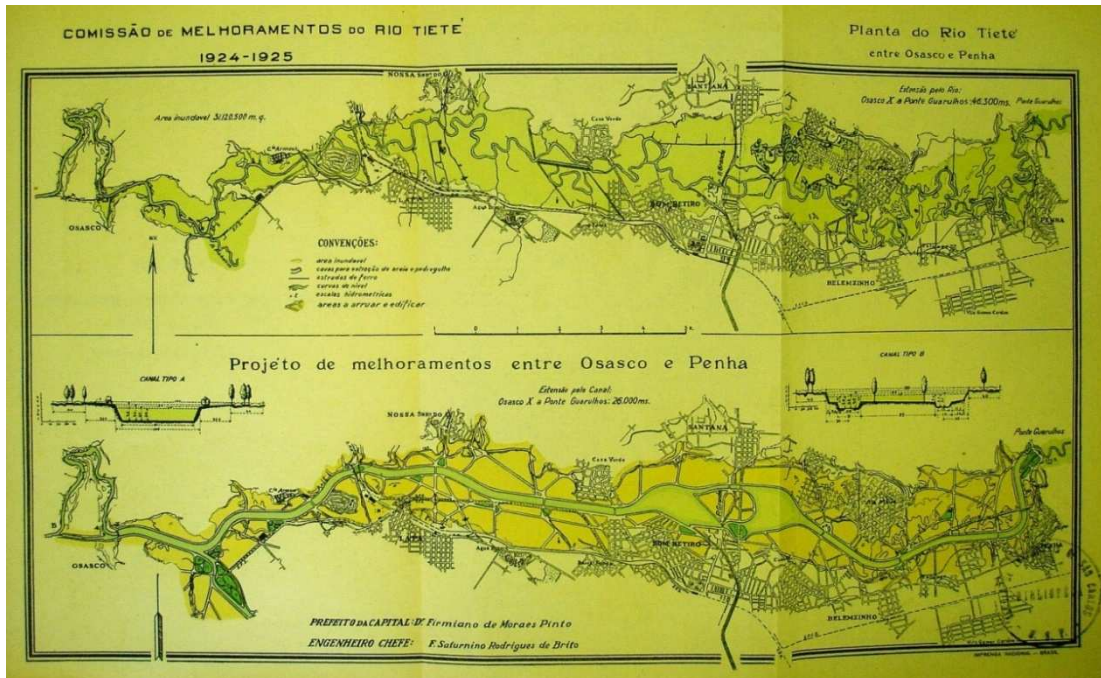


fig 90 - Projeto de regularização do Rio Tietê. Saturnino de Brito, 1925.

Fonte: BRITO. 1944.

O então prefeito Pires do Rio, em ofício intitulado *Melhoramentos do Rio Tietê*, enviado ao governador, em 1926, apresentava justamente essa proposta. Argumentava sobre a necessidade de se fazerem as obras de alinhamento e saneamento do leito fluvial e das áreas marginais, reclamando ao Estado sua participação nos custos do empreendimento. Pires do Rio anexava-os e os planos produzidos, elencando como as obras de mesma natureza em outros locais haviam sido de capital importância para a melhoria das condições de vida nas cidades, tratando especialmente do caso de Santos e das obras do Anhangabaú e da Várzea do Carmo, em São Paulo.¹³²

Reforçava ainda que, se anos antes já houve um esforço de saneamento da área, ainda que a expansão urbana não houvesse ainda se aproximado das margens do Tietê, atualmente essa premissa deveria ser fortemente considerada já que a cidade já havia transposto, em muitos pontos, o rio, o que alarmava em função da já preocupante poluição de suas águas:

Assim, milhares de habitantes já sofrem a influência direta e perniciososa das más condições sanitárias de suas várzeas úmidas e alagadiças, focos permanentes de nuvens de mosquitos, sem dizer do flagelo das inundações periódicas. Acrescente-se o asqueroso lançamento “in natura” dos dejetos da Capital, hoje já em desproporção com capacidade de transporte do rio nas épocas de estiagem.¹³³

Em 1928, Pires do Rio restabeleceu a Comissão do Tietê, com Ulhôa Cintra como chefe dos estudos a se realizarem. Lysandro Pereira da Silva, que trabalhou na comissão, apresenta em seu relatório de 1930, um estudo de Cintra, que reproduzimos na seqüência. (fig 91) A idéia de criação de uma seqüência de parques articulado ao eixo fluvial se mantém, embora se tenha diminuído a faixa e se verifiquem núcleos verdes implantados em regiões mais específicas, o que não configura uma ampla faixa verde contínua, como anteriormente. Por outro lado, se naquela proposta a idéia de um cinturão verde era mais presente, nessa o conceito de *Parkway* se vê de modo mais claro. As vias conectam os parques, articulando-os aos bairros e ao rio. Na região da ponte grande, identifica-se, tal como discutido anteriormente, uma proposta para o Campo de Marte e imediações, onde novamente aparece na margem norte do rio o parque, com seu lago, tantas vezes mencionado.



fig 91 - Projeto de regularização do rio Tietê. Ulhôa Cintra, 1928.

Note-se a disposição dos parques ao longo do rio e o destaque para a área da Ponte Grande.

Fonte: SILVA. 1950.

O entorno é estruturado por um conjunto de vias com distintos formatos. No lado sul, basicamente se organizam entre o rio, a linha férrea e uma paralela entre os dois, através de diagonais e perpendiculares, crivando o tecido varzeano, urbanizando a área e criando conexões da cidade com o Tietê. É clara a intenção de preencher o vazio urbano histórico desta várzea ao longo de todo o trecho de intervenção.

Outros estudos teriam sido ainda de autoria de Cintra. Do mesmo período, destacamos a proposta que aparece na seqüência e que se aproxima mais do que logo Prestes Maia defenderia no Plano de Avenidas. (fig 92) Neste, também intervém na região do Clube Floresta, expandindo este espaço de recreação para além do limite norte do Bom Retiro e para a outra margem do rio, nas proximidades do Campo de Marte. O aeroporto aparece reformulado, com a presença de algumas pistas, apresentando também uma entrada por uma via derivada da continuação da Avenida Tiradentes. Cintra, do outro lado desta avenida, segue propondo o parque caracterizado pelo lago gerado pelas escavações, e destinado à recreação e prática esportiva da população.

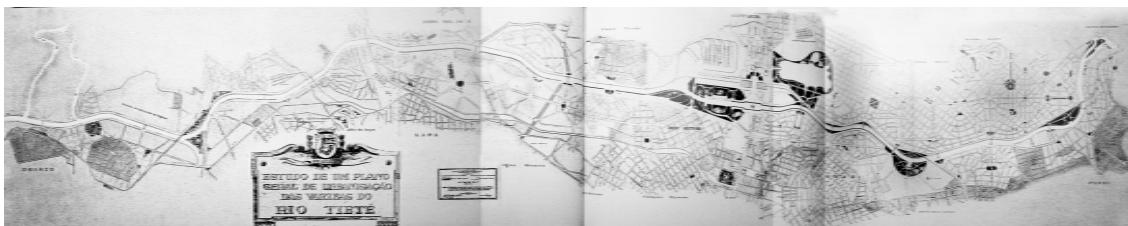


fig 92 – Plano de regularização de Ulhôa Cintra para o rio Tietê, 1928.
 Fonte: TOLEDO. 1996.

Como referido, a importância histórica desta área se remete a tempos remotos, como uma das entradas principais da cidade. Em atenção, o urbanista centra entre estes três espaços verdes, uma praça semicircular, articulando-as entre si, ao tecido existente e às novas áreas a serem urbanizadas. Criar-se-ia, assim, uma porta de entrada para a cidade entre duas amplas áreas verdes articulada por uma praça monumental, nas imediações do rio e de seus parques. A imagem de modernidade que se pretendia mostrar aos visitantes que entrassem pelo norte pautava-se nesse conjunto e demarcaria o acesso à área central. (fig 93-94-95-96)

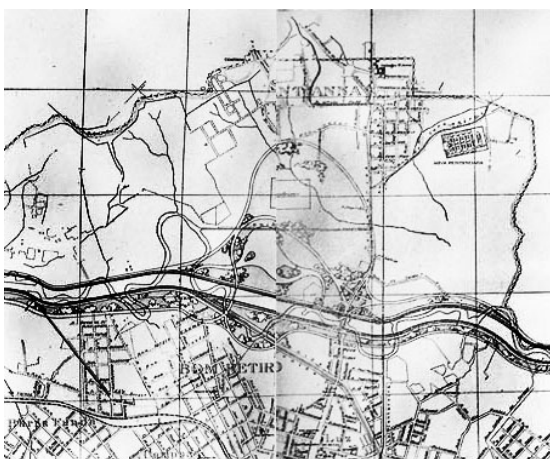


fig 93 - Detalhe da região da Ponte Grande na proposta de Cintra de 1922.
 Fonte: FREIRE. 1923

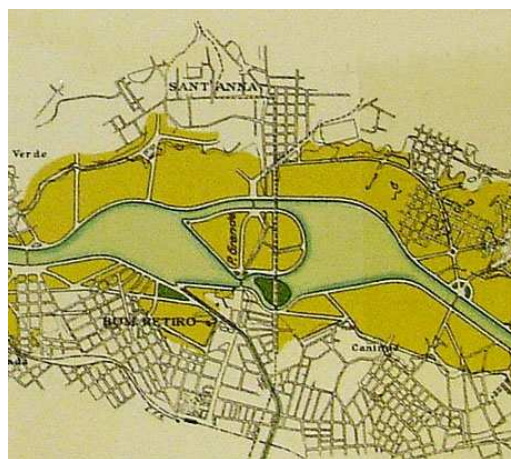


fig 94 - Detalhe da região da Ponte Grande na proposta de Brito, 1925.
 Fonte: BRITO. 1944..

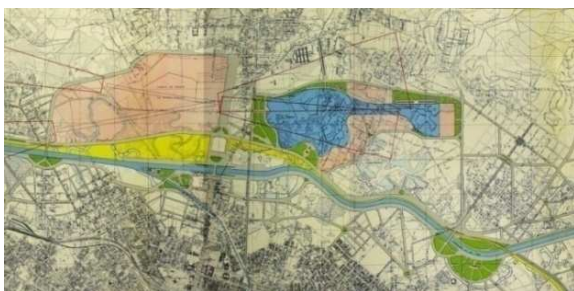
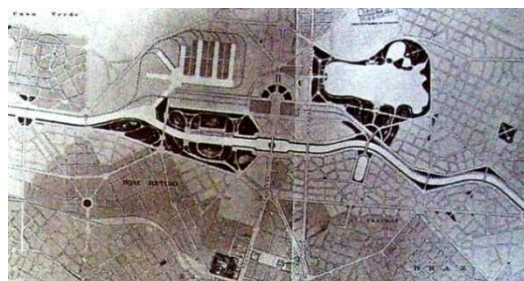


fig 95 - 96 - Detalhes da região da Ponte Grande nas propostas de Cintra de 1928.
 Fonte: SILVA. 1950 e TOLEDO. 1996.



Com a Revolução de 1930 a Comissão interrompeu seus trabalhos, retomando-os apenas em 1937, ainda com Ulhôa na direção. Neste momento, se iniciam as obras de canalização tendo como base o projeto do diretor.¹³⁴

Prestes Maia e Cintra, na realização de um plano de melhoramentos para a cidade, e logo no Plano de Avenidas, de Maia, 1930, fazem considerações sobre o rio Tietê, incorporando-o como eixo do “circuito de parkways”. Nos anos 50, também será objeto de estudo de algumas propostas, dentre elas do Programa de Melhoramentos de Robert Moses, onde novamente aparece o “Parque Náutico”, como logo veremos nos capítulos 4 e 5.

Desde já, reforçamos como a idéia de plano de conjunto e do papel do verde no planejamento da cidade se apresentaram de modo articulado e como, antes de ser pensado apenas como elemento de embelezamento e de higiene, o parque aparece como espaço público de uso ativo por parte da população. A idéia de sistema de parques e áreas verdes se articula a uma reflexão sobre as vias e o saneamento dos rios e foi nesse período que as bases das argumentações de construção da cidade moderna se estabelecem em São Paulo. Se na proposta para a Várzea do Carmo já carregava o gérmen da criação de um parque de fato público e passível de plena utilização por parte das camadas populares e para a prática de esportes, no caso do Tietê, o verde em escala territorial se coaduna com a necessidade de se conter os problemas das inundações e das pestes. Os parques, tais como pensados por Cintra e por Brito, além de suas funções de uso pela população, seriam espaços de regularização no nível do rio, áreas de respiro para suas flutuações de nível e transição para os bairros das adjacências.

Verifica-se, portanto, que a reflexão urbanística alimentada nos poderes públicos, bem como na Escola Politécnica e nos círculos profissionais envolvidos com a construção da cidade republicana, permitiu propostas extremamente atentas às soluções experimentadas na Europa e nos Estados Unidos. Nestes termos, a percepção da idéia de intervenções de conjunto e da enorme inserção do verde nas propostas defendidas pelos urbanistas do *Städtebau*, do *Town Planning* e dos trabalhos de Olmsted e outros personagens, como Hénard, são assumidas e retrabalhadas no caso de São Paulo para alterá-la com vistas ao futuro. A eleição do ‘progresso’ como motor do desenvolvimento urbano que se acelerará nos anos 30, não havia ainda se constituído como marco teórico incompatível com a preservação do historicamente significativo e com a implantação efetiva de grandes áreas de parques e jardins públicos. Nesses anos, vemos que pensar o futuro de São Paulo passava necessariamente pela manutenção de edifícios e sítios importantes para a história da cidade, bem como por fornecer aos habitantes um conjunto

equilibrado de espaços livres, em relação à expansão do construído. A idéia de parque urbano moderno em São Paulo nasce, portanto, com o florescimento da reflexão sobre o urbanismo na cidade e alcança dimensão territorial com as propostas para o rio Tietê.

2.4 O PARQUE NO MODELO CIDADE-JARDIM E SUA APLICAÇÃO EM SÃO PAULO

Como instrumento de especulação a respeito das apropriações das idéias de Howard em São Paulo, interessa-nos uma breve aproximação às origens do conceito de cidade-jardim, bem como pontuar algumas derivações que se constituíram como essenciais para o estudo da criação de subúrbios-jardim na cidade. Em seguida, nos centraremos na atuação de Barry Parker na cidade, de 1917 a 1919.

2.4.1 O VERDE NA PROPOSTA DE HOWARD

Incluído em um pensamento em que a idéia de uma nova sociedade fosse possível, sem os desmesurados conflitos identificados com a ruptura radical entre o campo e a cidade iniciada no século XVIII, Howard levanta um projeto de reforma social estritamente arraigada na realização de uma reforma urbana. A cidade-jardim como promotora e ponto final de um processo reformista, busca a resolução dos contrastes entre cidade e campo, centro e periferia, indústria e agricultura; do completo domínio do Capital frente à distribuição da oferta de trabalho nas indústrias e do valor de uso como superior ao valor de cambio dos objetos e do próprio espaço urbano. Em suma, tratava-se de afrontar os problemas originados com a revolução industrial, reestruturando a sociedade numa nova ordem de valores físicos e psico-sociais.

Tanto o apinhamento humano nas cidades pelo esvaziamento do campo e as conseqüentes dificuldades de gestão, de insalubridade, de número de habitações e suas adequações morfológicas, como também os problemas da perda de referências típicas do homem metropolitano, como assinalou Simmel, e seu afastamento do mundo natural, participam das reflexões do estenógrafo inglês.

Quando em 1898 lança o livro *Tomorrow: a peaceful path to real reform*, Howard evidencia como sua posição em tentar criar um mundo pacífico e harmônico não passava por qualquer via revolucionária. A forte possibilidade de sucesso do seu trabalho, em comparação a de outras propostas modélicas anteriores, segundo ele, seria justamente a de que se centrava em uma relação equilibrada entre individualismo e coletivismo, e não na sociabilização radical dos exemplos passados.¹³⁵ Apesar disso, não se pode negar, em sua proposta, a influência de estudos como os de Ledoux, Loudon, Olmsted e dos socialistas utópicos em distintos aspectos, em que

vale destacar deles a tentativa de comunhão entre reforma social e urbana e a inserção da cidade em meio ao verde. Como comentado, a industrialização e a perda de contato do homem com a natureza, ratificada no século XIX, fomentou um panorama de estudos e propostas tanto radicais como reformistas, em que já destacamos, destes últimos, exemplos como Bournville e Port Sunlight, nas quais Howard se ateu ao formular sua teoria.

Como bem desenvolveu Andrade, não se tratava de uma postura anti-urbana, mas sim de uma solução que assume a pequena e média escala como resposta às grandes aglomerações metropolitanas. No diagrama dos três ímãs, (fig 97) Howard defende que seu modelo de cidade se aproveitaria dos benefícios da vida nas cidades e da vida no campo, evitando os problemas de cada um deles. Propõe um modelo de cidade definido a partir de círculos concêntricos, com forma urbana e com um núcleo claro, ao contrário do que se identificava nas cidades industriais do período em que o crescimento desmesurado e a polinucleação lhes propiciava uma carência de forma, em comparação com a cidade pré-industrial.¹³⁶

É evidente como a influência do pintoresco é recuperada no que se refere à percepção espacial e sentimental do espaço verde, bem como no que tange às edificações. Tal se dá em comunhão com o aparecimento do ideário *Arts and Crafts*, cuja arquitetura se fará visível em distintos projetos urbanos atrelados ao modelo cidade-jardim. Howard comenta sobre a necessidade de aproximação ao meio natural, de proporcionar sensações agradáveis e sentimentos superiores. A cidade-jardim, pensava, seria o lugar em que a possibilidade de uma sociedade renovada de sentimentos se faria e se uniria com a experimentação da situação de beleza do espaço urbano.

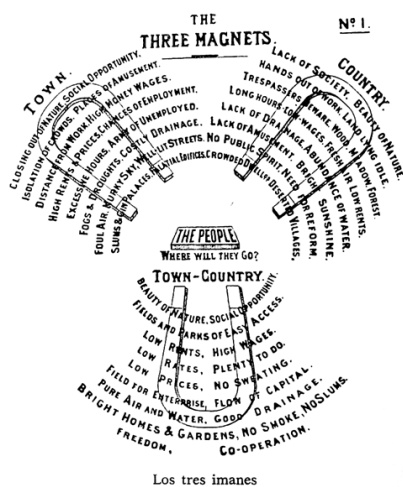


fig 97 - The Three Magnets. Fonte: HOWARD. 1902, p. 8a.

Em uma urbe em que a união das qualidades da vida na cidade e no campo se busca, e se entendemos o parque urbano como elemento essencialmente moderno, como se pode imaginar o seu papel nesta nova proposta?

Em primeiro lugar, pontuamos a presença do verde em todo o espaço urbano, em que parque e cidade se confundem; em segundo lugar, como reverberação dos exemplos de Olmsted, indica a construção de um Central Park e, em terceiro lugar, delimita outra tipologia de parque,

apresentado como *greenbelt*, contornando a área urbanizada e conectando-a com os terrenos rurais e florestais, quando o caso. Propugna, ainda, a criação de um conjunto de *parkways* e bulevares, para articular o sistema viário e de áreas verdes.

Se nas cidades industriais, ou bem nas cidades cosmopolitas, o parque se considerava como espaço limitado do tecido urbano, na cidade-jardim ele se define, sobretudo, como base de constituição da mesma, espaço onde se organizam as áreas edificadas. Trata-se, como já destacou Panzini, da dissolução dos limites do conceito de parque e de cidade:

Il parco urbano, da rimedio locale allo sviluppo edilizio, si va envolvendo in componente connaturata all'esplicarsi della vita che si svolge nella città moderna; e perciò tende a diluirsi nel generale ambiente della ciutà. La medesima interconnessione e interferenza ha luogo anche tra le professioni: urbanisti e paesaggisti tendono a sovrapporre metodi operativi e spazi professionali. Una dimonstrazione di questa sensibilità è data dall'evidenza con cui emerge il movimento per la *garden city*, che propugna l'idea di na città diffusa nel verde.¹³⁷

Proposta em meio a uma área de 6000 acres (2700 ha ou 2.700.000 m²), a cidade-jardim teria 32.000 habitantes e uma área urbana de um sexto do total. Portanto, a cidade em si ocuparia uma porção relativamente pequena do território comprado. Entretanto, esse isolamento aparente seria compensado pela sua conexão com outros núcleos urbanos semelhantes. Howard imagina uma constelação de cidades interconectadas em meio ao verde, em que haveria um núcleo urbano maior no centro do território, chegando ao máximo de 58.000 habitantes e com o dobro da área. (fig 98-99)

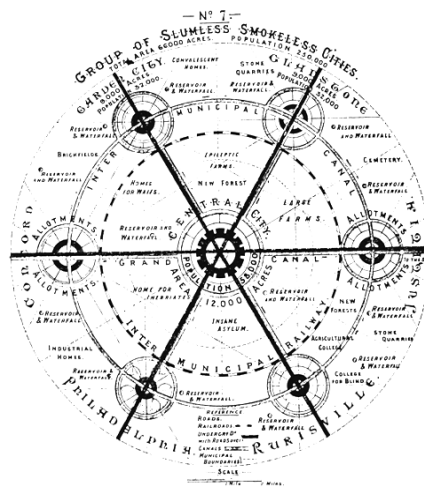
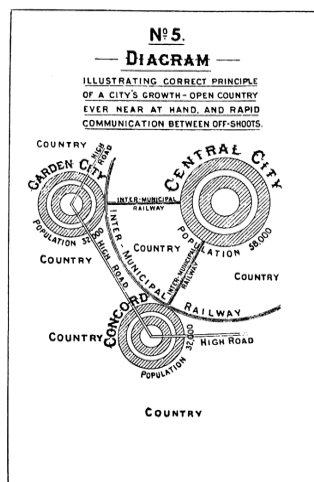
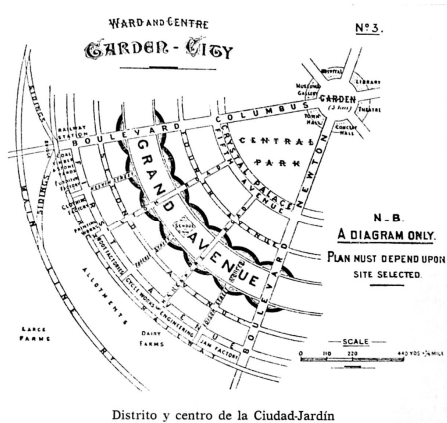


fig 98 - 99 - Diagramas 5 e 7: rede de cidades-jardim. Fonte: HOWARD. 1902, p.130a



Distrito y centro de la Ciudad-Jardín

fig 100 - Central Park da cidade-jardim e a Grande Aavenida.

Fonte: HOWARD. 1902, p.14a.

Em relação à sugestão de criação de um parque central, (fig 100) Howard propõe que fosse estabelecido em uma área de 65 ha e fechado por uma arcada de vidro, chamada ‘Palácio de Cristal’. Este serviria para abrigar os visitantes das intempéries, pequenos comércios e teria parte destinada a um jardim de inverno. Curioso como o edifício envidraçado surge no imaginário dos projetos urbanos modélicos. A referência ao Crystal Palace, de Joseph Paxton, de 1851, em Londres, é óbvia. Bruno Taut também o utilizará, no entanto dando-lhe um caráter diferenciado, de

religiosidade mais explícita, em *Die Stadtkrone*. Se em uma cidade antiga, o centro é reconhecível pela sua constituição histórica, de uso e importância representativa, em uma cidade nova o problema da sua apropriação e reconhecimento é posto em questão. Para Howard, o centro deve ser um local de encontros, reuniões, de práticas amistosas e, sobretudo, situado em meio ao espaço verde. Portanto, o parque urbano central, não é apenas um elemento para dotar a cidade de mais verde. Tampouco, em absoluto, é simples local de recuperação de forças para a jornada laboral (já que toda a cidade possui grandes quantidades de verde e não a densidade cinzenta de uma cidade industrial do período). O parque é entendido, por outro lado, como espaço da regeneração, palco da sociabilidade fraterna, de comunhão sentimental, *locus* da harmonia universal que se expandiria por toda a cidade. Howard pensa-a como símbolo da sociedade unida, da ajuda mútua, da colaboração amistosa, da fraternidade e irmandade. E no centro deste espaço, está o parque urbano, local privilegiado desta comunhão, da união dos homens. Além de parque, se localizariam a biblioteca, o hospital, o teatro, sala para concertos, o museu e a prefeitura, ou seja, espaços para a cultura e as artes, como também para o bem-estar físico.

Propõe também outro parque na Grande Avenida, com aproximadamente 50 ha, que abrigaria edifícios de uso coletivo, sobretudo escolas públicas e igrejas, conformando um anel intermédio entre o parque central e o cinturão verde da extremidade da cidade. Seria uma grande *parkway*, na qual se implantariam estes edifícios, que cruzaria os bulevares axiais, compondo com eles, um sistema radial-perimetral de vias e áreas verdes.

O limite da cidade seria definido pelo *greenbelt*, que circundaria toda a cidade e seria o espaço destinado para os campos de jogos e faria o contato com as áreas de cultivo. Deveria constituir-se como elemento articulador entre o espaço urbano da cidade-jardim e a zona rural e reservas florestais.

A teoria de Howard teve uma grande repercussão e muitos urbanistas e arquitetos no período se atentaram para a possibilidade de utilização de seu programa idealista e repertório formal. Na verdade, pouco se produziu mantendo os aspectos sociais da proposta inicial, verificando-se sobretudo a apropriação do vocabulário formal da proposta original, em grande parte para a realização de subúrbios. No entanto, houve duas experiências 'clássicas' de realização de cidades sob princípios da cidade-jardim: Letchworth, projeto de Barry Parker e Raymond Unwin de 1904, e Welwyn Garden City, de Louis de Soissons, de 1920. O legado howardiano verifica-se em inúmeras conjunturas, tendo tido significativa difusão mundial. Destacamos como a emergência do *Town Planning* na Grã-Bretanha no princípio do século XX, tal como comentamos anteriormente, a partir de personagens como Unwin, Parker, Geddes e Abercrombie é herdeira de boa parte dos preceitos reformistas defendidos por Howard, desenvolvendo por sua vez um conjunto de preceitos e experiências relativas ao crescimento suburbano e ao planejamento regional em cidades-satélites. Na Alemanha, se verificará desde o final do século XIX uma forte apropriação desse ideário, que se incrementa nas primeiras décadas do século XX, filtrada em grande medida pela leitura de Unwin, e se verificará sobretudo nos trabalhos de Eberstadt e Gustav Langen, nos projetos de grande escala, e também na *Deutscher Werkbund*, através de Hermann Muthesius, Martin Wagner, Bruno Taut e Ernst May (que estagiou no escritório de Unwin e Parker). Nos Estados Unidos, os exemplos de criação de subúrbios são notórios desde Riverside, em 1869, e se concretizarão como forma de intervenção na cidade a partir de pressupostos próximos aos defendidos por Unwin a partir dos anos 20, com a construção de Radburn e da seqüência de trabalhos da *Regional Planning Association of America* RPAA.¹³⁸ Tais exemplos impulsionaram o espraiamento destas idéias em outros países, como na França (em especial no círculo de profissionais do *Musée Social*), e em outros tantos locais onde esses urbanistas trabalharam ou onde se alcançaram os ecos de suas obras. Seja através dos congressos de urbanismo, como o TPC de Londres, ou através de viagens, leituras de livros, participação em conferências ou visitas de urbanistas internacionais, as difusões dessas idéias se farão de modo particularmente intenso no Brasil, tanto na criação de cidades novas, como através da criação de bairros-jardins.¹³⁹

2.4.2 BARRY PARKER E OS BAIRROS- JARDIM EM SÃO PAULO

Como analisado, em São Paulo, as discussões internacionais sobre urbanismo eram conhecidas e serviam de baliza para as avaliações locais e propostas de reformas e intervenções na cidade, bem como de sua expansão. No que tange à recepção do ideário cidade-jardim em São Paulo e, principalmente de suas derivações, vimos que desde as primeiras manifestações de Freire no princípio da década de 10, já anunciava seu conhecimento e divulgava suas qualidades como modelo urbanístico. Portanto, reforçamos que antes mesmo do projeto de Unwin e Parker para o primeiro bairro-jardim da cidade, o Jardim América, tal ideário já era conhecido e fazia parte dos marcos teóricos discutidos por significativo contingente de urbanistas na cidade.

Desenvolvemos anteriormente como relações entre urbanismo e paisagismo na construção da cidade moderna vinham se constituindo em São Paulo desde as discussões dos anos 10. Tomando dois dos protagonistas, Freire e Bouvard, vemos que defenderam elementos comuns aos presentes no modelo howardiano, em que destacamos a valorização do verde urbano em variadas escalas, a vontade de criação de um parque central (Parque D. Pedro II), a criação de um sistema radial-perimetral de vias e áreas verdes, a defesa pelo pinturesco, dentre outros. Logo após a vinda de Barry Parker, a idéia de criação de um *greenbelt*, com suas áreas esportivas, passa também a estar presente no ideário urbanístico paulistano, e é sobretudo verificável nos projetos para o Rio Tietê, como acabamos de ver.

A presença de Parker, portanto, e a realização dos bairros-jardim, reforça a idéia de integração entre moradia e áreas verdes, bem como foi fundamental para a tomada de consciência dos urbanistas municipais acerca da possibilidade de construção de um anel verde usando os rios Tietê e Pinheiros, como veremos no final do capítulo.¹⁴⁰

É mister recordar que se esses princípios circulavam entre os urbanistas dos poderes públicos, a criação de bairros-jardins foi uma iniciativa privada, ao contrário por exemplo do que se fez na Alemanha onde esse modelo foi utilizado como política estatal em diversos casos. Dito isso, para entender a contratação de Parker, faz-se necessário rememorar brevemente que, em 1911, como descreve Bacelli, o banqueiro francês Sr. Edouard Fontaine de Laveleye viaja a São Paulo para estudar possibilidades de negócios na cidade e solicita a Bouvard assessoramento para a compra de terrenos para a realização de empreendimentos imobiliários na cidade. Em acordo com banqueiros londrinos, resolve-se então pela compra de 12 milhões de metros quadrados, grande parte deles no setor sudoeste da cidade, e funda-se, com sede na capital inglesa, a *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*. O presidente da companhia era

o também presidente da São Paulo Railway Co., o Lord Balfour of Burleigh e o vice-presidente, ninguém menos que Joseph Bouvard.¹⁴¹ Em 1913, a companhia resolve enviar um grupo de profissionais (dentre eles o filho do vice-presidente: Roger Bouvard) para analisar os terrenos e realizar os primeiros preparativos para o lançamento de loteamentos.

Em 1915, contratam-se Barry Parker e Raymond Unwin para a realização dos projetos dos loteamentos. Unwin participa das primeiras propostas para o Jardim América, que Parker logo desenvolverá. O último, presente em São Paulo de 1917 a 1919, com essa finalidade, projetará ainda os bairros do Pacaembu, no mesmo ano de sua chegada; Alto da Lapa e Bela Aliança, no ano seguinte; além da reforma do Parque Paulista (antigo Parque Villon) e da proposta de criação de um sistema de parques para a cidade.

Visualiza-se em seus projetos, e de acordo com os preceitos do *Town Planning* britânico, a opção por um desenho adaptado à paisagem e a crítica aos geometrismos acadêmicos e à quadrícula como solução para o conjunto da cidade, em especial tratando-se dos terrenos acidentados ainda por serem urbanizados, em geral nas encostas e várzeas. Lembramos que essas características rompiam com as preferências das elites de ocupação das terras altas. Fazer, portanto, com que passassem a ocupar estas outras áreas significava um cambio de paradigma, em que a qualidade do projeto urbanístico, a argumentação favorável acerca do contato da moradia com o verde e da facilidade de acesso foram elementos decisivos.

Andrade descreve como, quando da sua chegada a São Paulo, o Pacaembu (fig 101) foi o primeiro objeto de estudo e projeto de Parker.¹⁴² Os argumentos e soluções desenvolvidos para esse bairro, se por um lado iam ao encontro das concepções de Freire, Bouvard e Cintra sobre o planejamento da cidade, por outro esbarravam na legislação local que não permitia as dimensões de vias propostas e o comprimento mínimo das quadras. O desenvolvimento da proposta se ateve ao aproveitamento do terreno com o uso de um traçado coerente com os ideários do *Town Planning*, de criação de espaços urbanos aprazíveis em meio a grandes áreas verdes. Neste sentido, o Pacaembu será exemplar para a análise da seqüência de projetos que desenvolveria na cidade, nos quais os mesmos princípios estarão presentes. Era imprescindível, no horizonte teórico em que se movia, que se projetasse tomando partido das características do terreno, o que significava neste caso, e em quase todos os que realizou na cidade, seguir as curvas de nível, através de vias e quadras sinuosas, garantindo assim: menores gastos na preparação do terreno, facilitação da drenagem das águas, evitando pendentes exageradas e proporcionando uma seqüência de belas vistas para a cidade. O bairro do Pacaembu, com projeto de 1917 e

lançamento em 1925, apresentou ocupação significativa apenas a partir do final da década de 30, quando da finalização da construção do estádio, realizado em terreno cedido pela empresa à municipalidade.

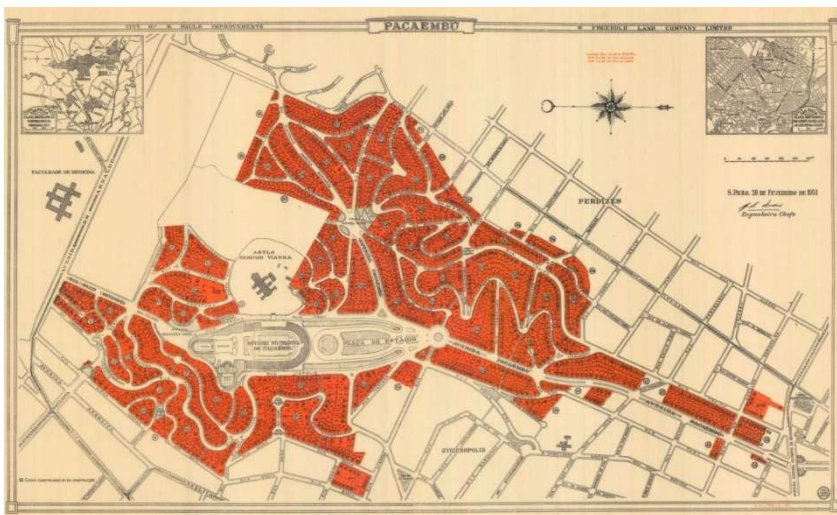


fig 101 - Bairro do Pacaembu, plano definitivo.

Planta de 1951, com o estádio construído, em que vemos a distinção no padrão de implantação do bairro em relação ao entorno.

Fonte: Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

O papel do verde, como já indicado, era primordial e se estruturou desde já e nos demais projetos a partir de um sistema cujos elementos essenciais foram: os amplos jardins no fundo dos lotes, criando uma faixa verde interna à quadra; os jardins públicos e praças ao longo das vias; áreas abertas de maiores dimensões, que por vezes se converteram em equipamentos esportivos e de recreação; e enquanto à circulação, as avenidas-parque e ruas arborizadas.

Aqui, destacamos que os jardins que projeta Parker no fundo dos lotes criariam uma nova fachada para as casas, abrindo o panorama para o vale; além do já discutido benfazejo contato com o verde, o ar e o sol que estes locais proporcionariam aos moradores. Essas áreas verdes seriam semi-públicas e de uso maioritário para os habitantes da quadra, o que remete a solução já proposta por Cerdà no *Ensanche* de Barcelona, pelos subúrbios ingleses e alemães do século XIX, e que logo seria apropriada por Clarence Stein e Henry Wright em Radburn, em 1929.

Em relação ao Jardim América, Andrade elucidava como já havia propostas anteriores à vinda de Parker, em especial a de Raymond Unwin, (fig 102) de 1916. Este projeta ruas arborizadas e quadras curvilíneas, dentro das quais implantava jardins de caráter semi-público, e um bulevar central. Como verificamos, tal solução se assemelha enquanto aos princípios adotados, e em maior ou menor grau em relação ao desenho, aos projetos de subúrbios já mencionados. Em especial destacamos o projeto de bairro em Berlim, (fig 103) publicado por Unwin nos anais da *Town Planning Conference* de 1910, em que vemos uma configuração deveras semelhante. Em

ambos há duas vias cruzando-se diagonalmente em torno ao centro da área, há outras ruas com padrão similar, uma avenida central (no projeto para a Alemanha esta se encontra deslocada em relação ao ponto de convergência das diagonais) e a presença dos jardins internos. Tal proximidade de desenho nos permite sugerir que essa proposta serviu de base, junto com o traçado de 1914 de autoria desconhecida, para sua formulação do projeto do Jardim América. Não nos olvidemos que Unwin não havia vindo ao Brasil e que, portanto, o projeto foi feito tendo apenas como base os levantamentos que vinham sendo realizados. Isso justifica a opção por aproveitar o anteprojeto anterior, alterando-o no sentido de torná-lo mais próximo aos princípios que defendia. Logo em 1917, Parker o desenvolve, incrementando a área de jardins internos, readequando o desenho das quadras e parcelando-as. (fig 104)

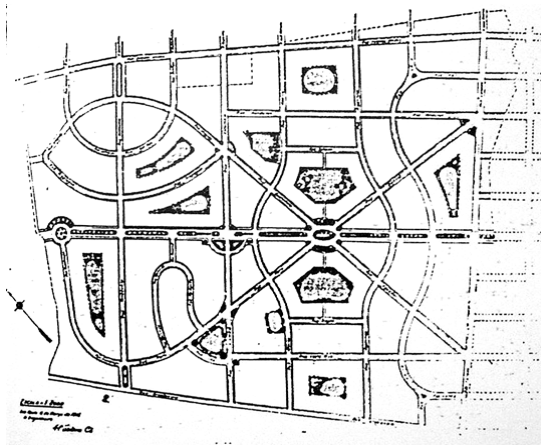


fig 102 - Projeto de Raymond Unwin para o Jardim América, 1916.
Fonte: ANDRADE. 1998, p.253.

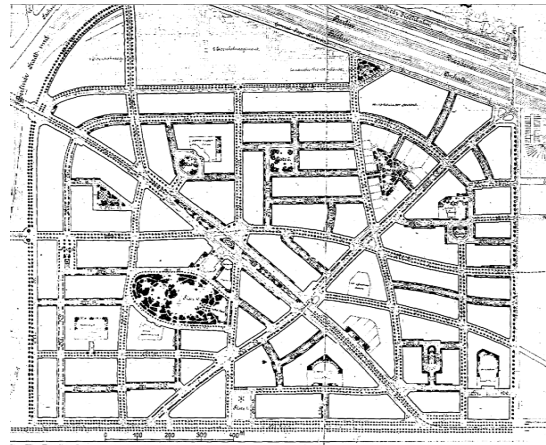


fig 103 - Projeto de novo bairro em Berlim
Fonte: Anais da TPC, 1910.

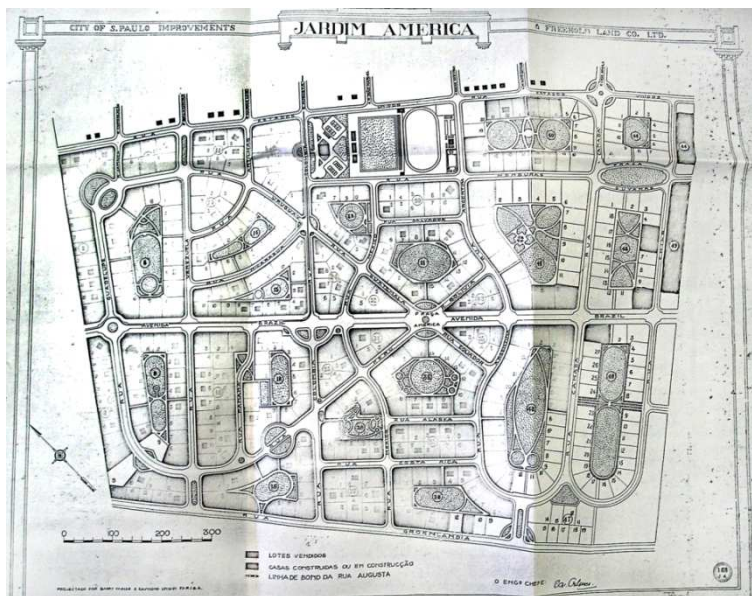


fig 104 - Projeto de Barry Parker para o Jardim América, 1917.
Fonte: Acervo de Projetos da FAUUSP.

As conexões com o centro e com outras áreas consideradas nobre na cidade eram preocupações nítidas da Cia. City ao analisarmos os mapas e propagandas de época. O Pacaembu, acessível desde a área central pela continuação da Avenida São João, se estendia em direção à Avenida Paulista, onde a poucas quadras se implantaria o jardim América. Não apenas a qualidade projetual dos loteamentos era levada em consideração pelos compradores, mas também o respaldado das facilidades de acesso e locomoção. Tal ocorreria tanto com a criação dos bairros de média e baixa renda, onde se buscava a proximidade com a ferrovia, como com os novos bairros das elites, onde se preferia fácil comunicação com o centro e com a Avenida Paulista.

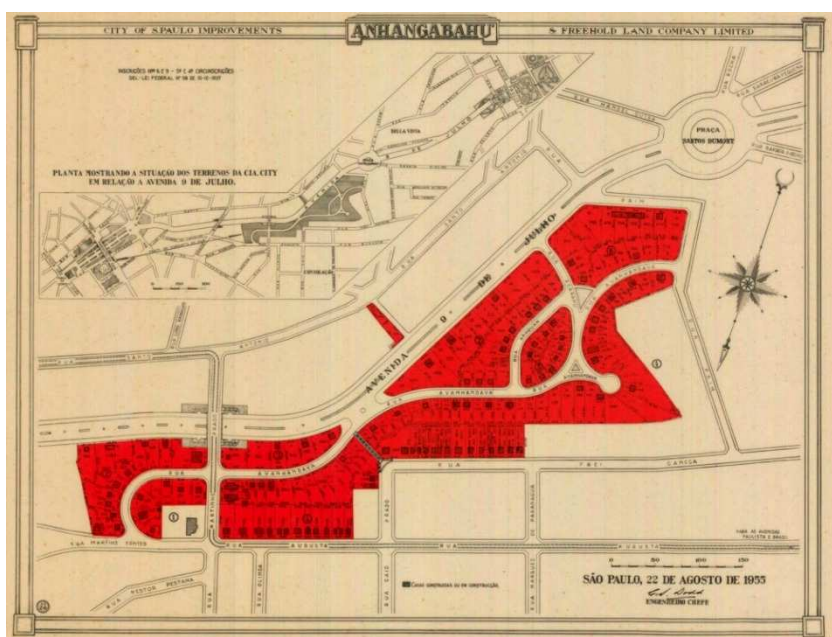


fig 105 - Anhangabaú.
Fonte: Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

Ilustrativo dessa articulação de interesses, o projeto para o bairro Anhangabaú (fig 105) advém diretamente da iniciativa do poder municipal, através da D.O.M., em 1916, em construir uma avenida sobre o córrego do Saracura, ligando o Parque do Anhangabaú ao Parque Paulista, na Avenida Paulista. (fig 106-107) Concebida como *parkway*, a Avenida Anhangabaú, futura 9 de julho, conectaria esses dois parques, o que também é dizer, a zona sudoeste com o centro. Com isso, Parker inicia o projeto de loteamento implantado na metade da avenida.

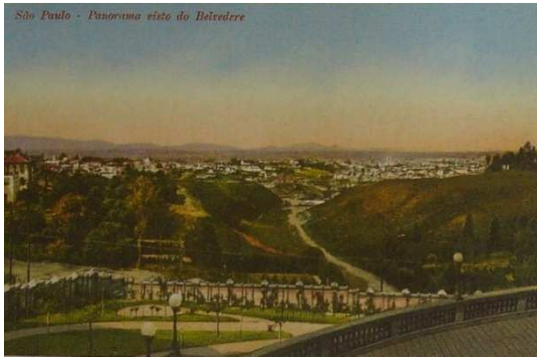


fig 106 - Vista do Trianon.
Fonte: GERODETTI. 2003.



fig 107 - Vista da Avenida 9 de Julho.
Fonte: GERODETTI. 2003.

Mais distante dos pontos focais da cidade, o loteamento de Alto da Lapa e Bela Aliança, (fig 108) por outro lado, se constrói como subúrbio residencial industrial, contando-se com a possibilidade de que uma estação ferroviária viesse a ser implantada próxima ao loteamento.¹⁴³ O traçado segue o padrão estabelecido no Pacaembu e no Anhangabaú, respeitando os desníveis existentes, criando jardins internos, praças e vias arborizadas. Em especial, destacamos uma ampla área, aos moldes de parque central, que logo foi doada à prefeitura para a construção do “Estádio distrital da Lapa”, de uma escola e de um parque infantil.

Em várias situações se destinou uma parcela de área verde comum de uso coletivo, que se poderia considerar como pequenos parques dentro dos bairros. Alguns destes locais foram transformados enquanto ao uso ao longo dos anos, dando espaço a diferentes equipamentos, como os acima mencionados no Alto da Lapa e Bela Aliança; o Clube Atlético Paulistano, no Jardim América ou o Estádio do Pacaembu, no bairro com o mesmo nome.

Os jardins internos, por sua vez, um dos grandes atrativos iniciais dos anúncios publicitários, passa por um processo de retalhamento e venda como lotes a partir de 1932.¹⁴⁴ Por anos, houve disputas entre a companhia e os proprietários pela responsabilidade de manutenção, o que faz com que a City contate a prefeitura para que se fizesse cargo desses custos, o que é recusado. Desta forma, já nos anos 30, esses jardins desaparecem do fundo das casas e se descaracteriza um dos principais pontos do partido projetual de Parker.

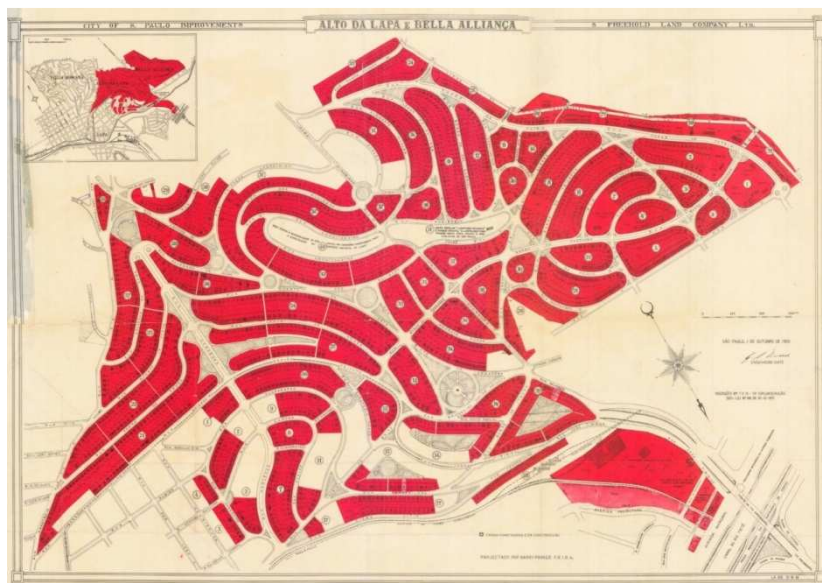


fig 108 - Alto da Lapa e Bela Aliança.
Fonte: Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

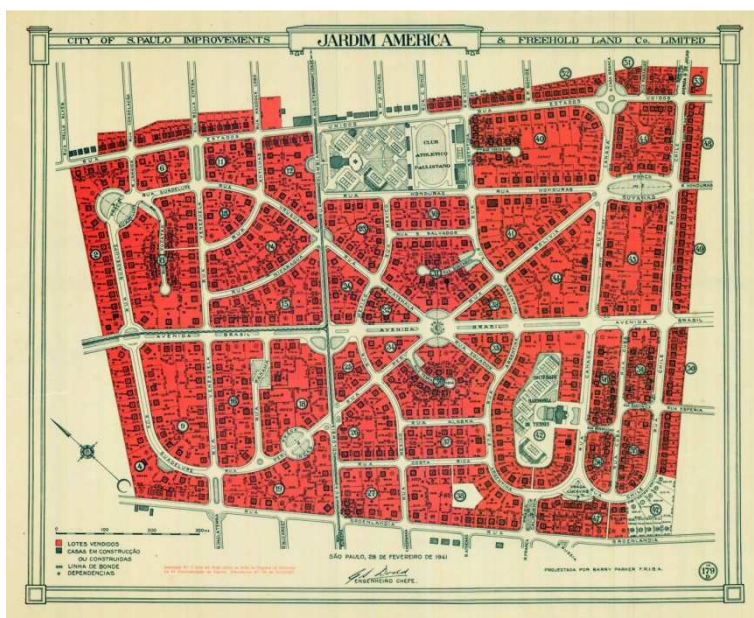


fig 109 - Projeto do Jardim América. Barry Parker, 1917.
Fonte: Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

Ainda que seu trabalho não tenha se estendido a outros projetos, ajudou a criar um padrão de urbanização que seria típico da City e copiado por outros agentes imobiliários e incorporadores em seus empreendimentos. Ainda dentro da companhia, criaram-se até os anos 50, de acordo com o levantamento que fizemos no acervo da empresa, os loteamentos do Jardim Europa, projeto de H. J. Pujol de 1923; Alto dos Pinheiros e da Vila Romana, em 1927; do Butantã, de 1933 a 35 e de Boaçava e Jardim Guedala no final dos anos 40. Citamos também a atuação do engenheiro Jorge Macedo Vieira e a criação dos bairros do Jardim Europa, de 1924, nas imediações do Jardim América, e do Jardim da Saúde, em 1938.

Além da forte arborização, em boa parte desses projetos notamos as mesmas características quanto à opção pela curva no desenho das vias de circulação e dos quarteirões, a presença de um bulevar central, praças e áreas livres com maiores dimensões, que podemos considerar como pequenos parques. Isso se dá no Jardim América, no Pacaembu, no Alto da Lapa e Bela Aliança, no projeto do Alto do Pinheiros (fig 110), Jardim Guedala (fig 111) e outros tantos. Infelizmente, não foi possível encontrar o projeto específico dessas áreas verdes. Supomos, pelo que pudemos verificar acerca dos jardins internos de Parker, que acompanhariam os traçados curvilíneos das urbanizações, atendendo aos reclames do pinturesco. Esses desenhos, em conjunção com a arquitetura criada por ele nesses bairros, são próximos ao ideário *Arts and Crafts*, que usualmente acompanhavam os projetos de *Cottages* na Inglaterra de fins do século XIX.

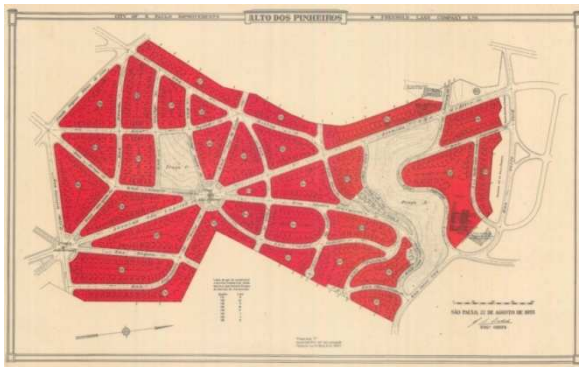


fig 110 - Alto dos Pinheiros, 1927.

Esse loteamento se implantou em partes, desde 1927, e aqui reproduzimos apenas um trecho do construído. Verifica-se à direita, conectada a *parkway* central, a grande área destinada à realização de um parque.

Fonte: Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

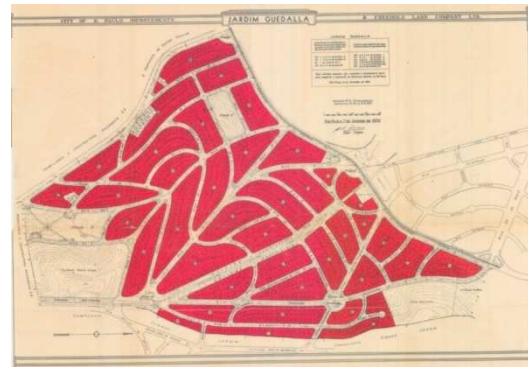


fig 111 - Jardim Guedala.

Fonte: Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.

Não nos estenderemos na análise de outros bairros jardins, já que nos pareceu suficiente utilizar os projetos expostos para demonstrar como boa parte desses empreendimentos trabalhou questões urbanísticas próprias das discussões do *Town Planning* e vigentes no ideário urbanístico paulistano, contribuindo na discussão sobre o papel do verde e dos parques para a cidade.

2.4.3 BARRY PARKER, O PARQUE PAULISTA E O PARK RING.

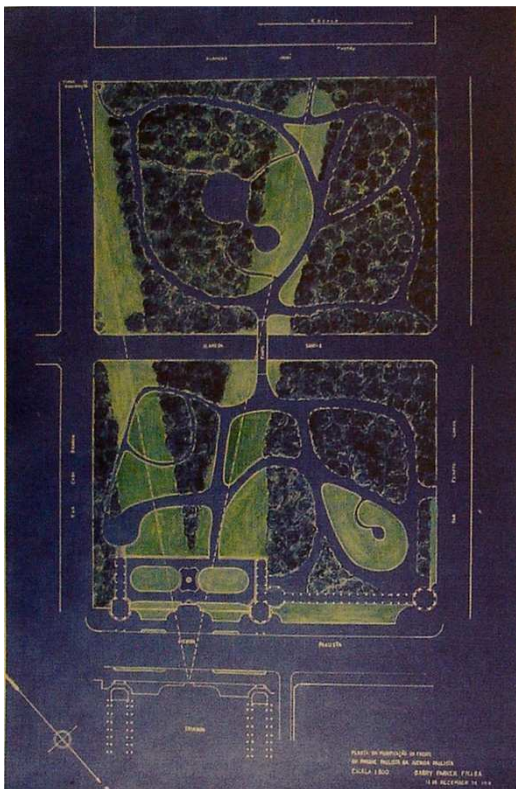


fig 112 - Projeto de reformulação do Parque Villon. Barry Parker, 1918.

Fonte: GUARALDO. 2002, p.53.

O Parque Paulista (antigo Parque Villon), (fig 112) como vimos, antes de aproximar-se do conceito de parque em sua totalidade, foi concebido como *square* fechada para os vizinhos da recente urbanização na Avenida Paulista. Em 1911, a prefeitura compra esta área do Sr. Francisco Matarazzo e a abre para a população. Logo, Ramos de Azevedo projeta um belvedere, do outro lado da avenida, em que se disfrutava de preciosa vista. (fig 106) Parker, de acordo com Andrade, é convidado em 1918 para reformular o projeto do parque e para a realização de um outro de 700 acres provavelmente na zona norte.¹⁴⁵

A área encontrava-se plenamente coberta de vegetação de médio e grande porte, remanescente de mata, além do plantado por Villon quando da realização do seu projeto de 1892. Parker abre clareiras, redesenha os

caminhos e projeta outros elementos arquitetônicos pinturescos. Na planta do projeto vemos a criação de uma entrada articulada visualmente com o Trianon, a preocupação em criar vistas por entre a vegetação e proporcionar ao passeio experiências sensoriais diversas, através das mudanças de luminosidade, da sinuosidade do caminho e da sucessão de distintos eventos.

Como discutimos anteriormente, a criação de áreas verdes, o controle da expansão, a higienização e a estruturação de um sistema de vias de comunicação eram preocupações recorrentes nos discursos e nas práticas do poder municipal, bem como estavam presentes nos debates nos meios profissionais locais. No desenvolvimento da percepção da necessidade de estabelecimento de planos de conjunto como ferramentas de intervenção na cidade, foram fundamentais a tomada de conhecimento das experiências urbanísticas européias e norte-americanas, que já buscamos demonstrar ao longo deste capítulo. Em relação à criação de *greenbelts*, apontamos para como se apresentou como opção de utilização da área das antigas muralhas no continente europeu, a partir do exemplo de Paris e de Viena. Atentamos ainda para

como está presente no plano de Loudon, para Londres; na cidade-jardim de Howard; nos estudos de Stübben e outros personagens da urbanística alemã; no *Boulevard à Redans* de Hénard; na criação de Letchworth, por Unwin e Parker; no projeto de Pepler para Londres, de 1910; no estudo de Eberstadt, Bruno Möhring e Petersen para a *Gross-Berlim*; na *Die Stadtkrone* de Bruno Taut, dentre muitos outros. Em todos, a idéia de um anel verde periférico aparecia como instrumento de articulação de parques ou como ampla faixa verde destinada ao uso da população; além de delimitar o espaço urbano e organizar o seu crescimento em conjunção com outras soluções propostas.

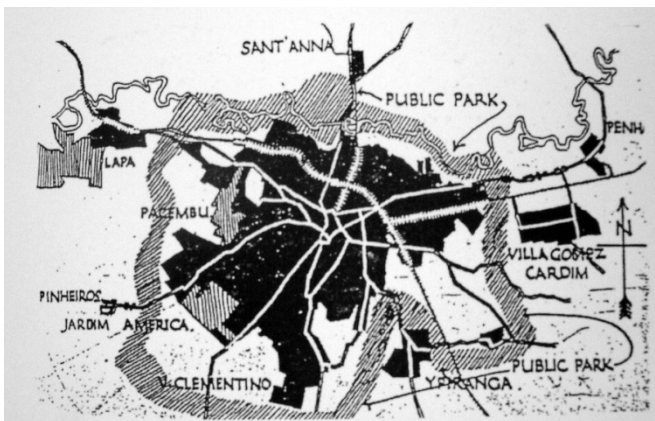


fig 113 - Sistema de parques para São Paulo. Barry Parker, 1919.
Fonte: ANDRADE. 1998, p.290.

Parker, em consonância com esse conjunto teórico elencado, propõe, em artigo de 1919, a criação de um *Park Ring*, (fig 113) ao redor da cidade de São Paulo. Este percorreria o rio Tietê, das proximidades da Lapa ao Belenzinho; descendo até a região do Ipiranga, seguindo por terrenos que cruzavam a futura área do Ibirapuera, até subir pelo rio Pinheiros; passando, na seqüência,

próximo ao Jardim América, continuando por trás do Pacaembu, até voltar a encontrar-se novamente com o rio, ao lado oeste do Parque Antártica.

Analisando sua proposta, verifica-se que o traçado tentou aproveitar as várzeas fluviais desocupadas e os leitos dos rios e córregos, como se pode ver em montagem que realizamos do *park ring* sobre mapas de São Paulo.¹⁴⁶ (fig 114-115)



fig 114 - Mapa de São Paulo, de 1916, onde demarcamos o cinturão de parques proposto por Barry Parker.

Fonte: Montagem nossa.

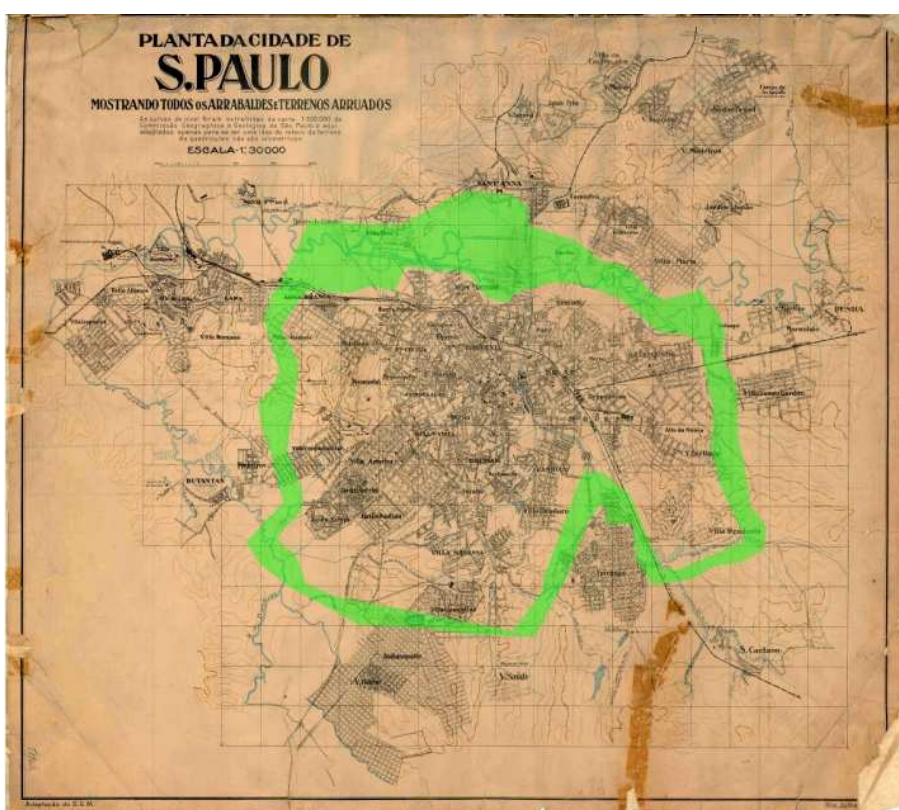


fig 115 - Planta da Cidade de São Paulo, de 1924, com proposta de cinturão verde de Parker.

Vemos como a expansão urbana se dá em todas as direções. Ao sul, com o bairro de Indianópolis; a oeste com os bairros de Vila Leopoldina, Alto da lapa e Bela Aliança e ao nordeste com outros vários, tais como a Vila Guilherme e Vila Maria.

Fonte: Montagem nossa.

Vemos como, em mapa de 1924, a cidade se adensa dentro do limite estabelecido por Parker e se expande ao redor da área que destinou para a criação do cinturão verde, como se de fato ele existisse. A pressa a que se referiam Freire e Cintra acerca da necessidade de realizar as desapropriações para a construção dos parques no Tietê de fato era uma sugestão previdente, já que o processo de expansão urbana logo ocuparia as então desocupadas várzeas, tornando-as extremamente mais caras.

A indicação de utilização dessas áreas para a construção de parques, bem como a justificativa de Parker de que as desapropriações necessárias seriam recompensadas ao poder público com a revenda das terras beneficiadas, será defendida por Freire e apropriada por Cintra e Saturnino de Brito quando realizaram seus estudos de regularização do rio Tietê. A idéia de um cinturão verde estará presente no plano de Cintra e Prestes Maia para a cidade ainda nos anos 20, no Plano de Avenidas de 1930, bem como seguirá no ideário de outros vários urbanistas, nas décadas seguintes, como mecanismo de controle do crescimento citadino e em atenção às necessidades de criações de áreas verdes para São Paulo.

LISTA DE FIGURAS

FIG 1 - PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1877.	89
FIG 2 - ESQUEMA DE SÃO PAULO EM 1560.	92
FIG 3 - PERSPECTIVA ILUSTRANDO A POSSÍVEL DISPOSIÇÃO DAS MURALHAS EM SÃO PAULO.....	92
FIG 4 - PLANTA DE SÃO PAULO REALIZADA POR RUFINO JOSÉ FELIZARDO E COSTA, 1810.	93
FIG 5 - CARTA DA CAPITAL DE SÃO PAULO, 1842.	93
FIG 6 - EXEMPLO DE CHÁCARA E SEUS JARDINS.	94
FIG 7 - PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1868.	95
FIG 8 – PLANTA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO E SEUS ARRABALDES, 1890.	95
FIG 9 - POSIÇÃO DAS LINHAS FÉRREAS E OCUPAÇÃO INDUSTRIAL.....	95
FIG 10 - JARDIM PRIVADO NA AVENIDA PAULISTA.	97
FIG 11 - PERSPECTIVA DA AVENIDA PAULISTA REALIZADA POR JULES MARTIN, EM 1891.	97
FIG 12 - VISTA DA AVENIDA PAULISTA NO COMEÇO DO SÉCULO XX.	97
FIG 13 – 14 - PLANO PARA A ÁREA DE BLOOMSBURRY, DE BURTON E CUBITT.	97
FIG 15 - PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO.....	99
FIG 16 - 17 – MONTAGEM DO PROJETO ALEXANDRE ALBUQUERQUE SOBRE MAPA DE SÃO PAULO.	102
FIG 18 - PLANTA DE L'ENFANT PARA WASHINGTON, 1791.....	104
FIG 19 - FAIRMOUNT PARKWAY.....	104
FIG 20 – PLANO DE J. HARDER PARA NOVA IORQUE. 1896.....	104
FIG 21 - ABERTURA DE VIAS EM NÁPOLI.....	104
FIG 22 - PROJETO FREIRE-GUILHEM.	106
FIG 23 - PROJETO DE SAMUEL DAS NEVES.	106
FIG 24 - PROJETO DE SAMUEL DAS NEVES PARA O VALE DO ANHANGABAÚ, ONDE SE IMPLANTAM OS DOIS PALACETES.....	107
FIG 25 - 26 - AVENIDA PROPOSTA POR SAMUEL DAS NEVES E PERSPECTIVA GERAL.	108
FIG 27 - DETALHE DO CENTRO DE SÃO PAULO.	109
FIG 28 - SISTEMA DE VIAS E PARQUES DE WÜRZBURG.	114
FIG 29 - SISTEMA DE VIAS E PARQUES DE BRAUNSCHEWIG.....	114
FIG 30 – 31 - PLANO DE STÜBBEN PARA COLONIA, 1880.	114
FIG 32 – DIFERENÇAS ENTRE ESQUEMA VIÁRIO RADIAL, CIRCULAR E RÁDIO-CONCÊNTRICO.....	116
FIG 33 - VOLKSGARTEN EM COLÔNIA.....	117
FIG 34 - MODELO DE ÁREAS VERDES EM CUNHA, APRESENTADO NO PLANO PARA A <i>GROSS-BERLIM</i> . RUDOLF EBERSTADT, 1910.	118
FIG 35 - MODELO RADIAL-PERIMETRAL DE ÁREAS VERDES. GUSTAV LANGEN, 1927.	118
FIG 36 - PLANO DE LEIPZIG.....	118
FIG 37 - PROPOSTA DE LOUDON PARA LONDRES, 1829.....	122
FIG 38 - DIAGRAMA DA GARDEN-CITY. HOWARD, 1898.	122
FIG 39 - DIAGRAMA DE ARTHUR CROW PARA AS <i>TEN CITIES OF HEALTH</i> , LONDRES, 1910.....	122

FIG 40 - DIAGRAMA DE PEPLER PARA A ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE CIRCULAÇÃO DA GRANDE LONDRES. 1910.....	122
FIG 41 - DIAGRAMAS DE UNWIN PARA O CRESCIMENTO RADIAL DE LONDRES, 1912.....	122
FIG 42 – ARTICULAÇÃO ENTRE RUAS, SQUARES E REGENTS’ PARK EM LONDRES.....	123
FIG 43 - PROJETO DE <i>BOULEVARD À REDANS</i> E DE 12 PARQUES PERIFÉRICOS PARA PARIS. HÉNARD, 1903-10.....	126
FIG 44 - <i>BOULEVARD À REDANS</i> . HÉNARD, 1903-10.....	126
FIG 45 - ESQUEMAS TEÓRICOS COMPARATIVOS DO SISTEMA VIÁRIO DE MOSCOU, PARIS, LONDRES E BERLIM. HÉNARD, 1903-10.....	126
FIG 46 - PRAÇAS E PARQUES DE PARIS NO INTERIOR DAS ANTIGAS MURALHAS.....	126
FIG 47 - PRAÇAS E PARQUES DE LONDRES, CONSIDERANDO A MESMA ÁREA DA CIDADE DE PARIS NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX.....	126
FIG 48 - PROPOSTA DE FREIRE PARA SÃO PAULO.....	128
FIG 49 - PLANO DE KARL HENRICI PRA DESSAU.....	128
FIG 50 - PLANO DE THEODOR FISCHER PARA MUNIQUE, 1908.....	129
FIG 51 - SISTEMA ARTICULADO DE PRAÇAS, PARQUES E VIAS DE COMUNICAÇÃO.....	130
FIG 52 - SISTEMA DE PARQUES DE BOSTON. 1881-1894.....	132
FIG 53 - SISTEMA DE PARQUES DE BUFFALO. 1881.....	132
FIG 54 - SOUTH PARK EM CHICAGO. F. L. OLMSTED E C. VAUX. 1871.....	133
FIG 55 – SOBREPOSIÇÃO DO PROJETO DE FREIRE PARA O VALE DO ANHANGABAÚ SOBRE MAPA DE SÃO PAULO.....	137
FIG 56 – PROJETO DE FREIRE PARA A REGIÃO CENTRAL.....	137
FIG 57 - PROJETO DE NOVA ÁREA EM CHEMNITZ.....	137
FIG 58 - CONCURSO PARA A EXTENSÃO ORIENTAL DE MANNHEIM, 1907. THOMAS LANGENBERGER.....	137
FIG 59 - PARQUE DE TREPTOW. GUSTAV MEYER, BERLIM, 1864.....	138
FIG 60 - PARQUE DE HUMBOLDTHAIN. GUSTAV MEYER, BERLIM, 1865.....	138
FIG 61 - PROJETO DE FREIRE A PARTIR DA PROPOSTA DE SILVA TELES, 1907.....	139
FIG 62 - DESENHO PUBLICADO NA REVISTA DE ENGENHARIA, 1911.....	139
FIG 63 - PERSPECTIVA DA PROPOSTA DE FREIRE, 1911.....	139
FIG 64 - PRIMEIRA PROPOSTA DE BOUVARD PARA BUENOS AIRES, 1907.....	142
FIG 65 - PLANO DE BOUVARD PARA ROSÁRIO, 1911.....	142
FIG 66 - PARQUE DO ANHANGABAÚ, AO FUNDO, E PRAÇA DA REPÚBLICA, EM PRIMEIRO PLANO, NOS ANOS 20.....	145
FIG 67 - PLANTA DE CONJUNTO DAS MODIFICAÇÕES PREVISTAS NO CENTRO DA CIDADE.....	145
FIG 68 - MONTAGEM DA PROPOSTA DE BOUVARD, CONECTANDO O CENTRO, O VALE DO ANHANGABAÚ E A PRAÇA DA REPÚBLICA.....	145
FIG 69- DETALHE DE ESTUDO DE BOUVARD PARA O VALE DO ANHANGABAÚ, PRESENTE NO PLANO DE CONJUNTO.....	147
FIG 70 – SOLUÇÃO PARA O VALE DO ANHANGABAÚ EM QUE JÁ APARECEM PRESENTES OS PALACETES. ...	147
FIG 71 – DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PARA O VALE DO ANHANGABAÚ COM A PRESENÇA DE TERRAÇO E OS DOIS PALACETES.....	147

FIG 72 - NOVO SUBÚRBIO EM POSEN.	148
FIG 73 - DESENVOLVIMENTO DO PLANO BOUVARD.	148
FIG 74 - O PARQUE DO ANHANGABAÚ.	148
FIG 75 - O PARQUE DO ANHANGABAÚ.	149
FIG 76 - ÁREA DA VÁRZEA DO CARMO EM MAPA DE 1913.	149
FIG 77 - MAPA ILUSTRATIVO DAS ÁREAS DESOCUPADAS EM TORNO AO CENTRO URBANO DE SÃO PAULO, EM PLANTAS DE 1895, 1905 E 1913.	151
FIG 78 - PROJETO DE PARQUE NA VÁRZEA DO CARMO. ARSÈNE PUTTERMANS, 1902.	151
FIG 79 - ESTUDO PARA O PARQUE DA VÁRZEA DO CARMO.	152
FIG 80 - ESTUDO PARA O PARQUE DA VÁRZEA DO CARMO, COM TERRENOS ALIENADOS PARA VENDA.	152
FIG 81 - PRIMEIRA SOLUÇÃO DE E. COCHET PARA O PARQUE DA VÁRZEA DO CARMO.	152
FIG 82 - SEGUNDA SOLUÇÃO DE E. COCHET PARA O PARQUE DA VÁRZEA DO CARMO.	152
FIG 83 - VISTAS DO PARQUE D. PEDRO II.	156
FIG 84 - 85 - VISTAS DO PARQUE D. PEDRO II.	156
FIG 86 - PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1983.	157
FIG 87 - PROJETO DE JOSÉ ANTONIO DA FONSECA RODRIGUES PARA O RIO TIETÊ, 1922.	160
FIG 88 - PROJETO DE REGULARIZAÇÃO DO RIO TIETÊ. ULHÔA CINTRA, 1922.	161
FIG 89 - SITUAÇÃO DO RIO TIETÊ EM 1924. PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1924.	165
FIG 90 - PROJETO DE REGULARIZAÇÃO DO RIO TIETÊ. SATURNINO DE BRITO, 1925.	167
FIG 91 - PROJETO DE REGULARIZAÇÃO DO RIO TIETÊ. ULHÔA CINTRA, 1928.	168
FIG 92 - PLANO DE REGULARIZAÇÃO DE ULHÔA CINTRA PARA O RIO TIETÊ, 1928.	169
FIG 93 - DETALHE DA REGIÃO DA PONTE GRANDE NA PROPOSTA DE CINTRA DE 1922.	169
FIG 94 - DETALHE DA REGIÃO DA PONTE GRANDE NA PROPOSTA DE BRITO, 1925.	169
FIG 95 - 96 - DETALHES DA REGIÃO DA PONTE GRANDE NAS PROPOSTAS DE CINTRA DE 1928.	169
FIG 97 - THE THREE MAGNETS.	172
FIG 98 - 99 - DIAGRAMAS 5 E 7: REDE DE CIDADES-JARDIM.	173
FIG 100 - CENTRAL PARK DA CIDADE-JARDIM E A GRANDE AVENIDA.	174
FIG 101 - BAIRRO DO PACAEMBU, PLANO DEFINITIVO.	178
FIG 102 - PROJETO DE RAYMOND UNWIN PARA O JARDIM AMÉRICA, 1916.	179
FIG 103 - PROJETO DE NOVO BAIRRO EM BERLIM.	179
FIG 104 - PROJETO DE BARRY PARKER PARA O JARDIM AMÉRICA, 1917.	179
FIG 105 - ANHANGABAÚ.	180
FIG 106 - VISTA DO TRIANON.	181
FIG 107 - VISTA DA AVENIDA 9 DE JULHO.	181
FIG 108 - ALTO DA LAPA E BELA ALIANÇA.	182
FIG 109 - PROJETO DO JARDIM AMÉRICA. BARRY PARKER, 1917.	182
FIG 110 - ALTO DOS PINHEIROS, 1927.	183
FIG 111 - JARDIM GUEDALA.	183
FIG 112 - PROJETO DE REFORMULAÇÃO DO PARQUE VILLON. BARRY PARKER, 1918.	184

FIG 113 - SISTEMA DE PARQUES PARA SÃO PAULO. BARRY PARKER, 1919.	185
FIG 114 - MAPA DE SÃO PAULO, DE 1916, ONDE DEMARCAMOS O CINTURÃO DE PARQUES PROPOSTO POR BARRY PARKER.....	186
FIG 115 - PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO, DE 1924, COM PROPOSTA DE CINTURÃO VERDE DE PARKER.	186

NOTAS DO CAPÍTULO 2

- ¹ AZEVEDO, A. (org). *A cidade de São Paulo: estudos de Geografia Humana*. V.II: a Evolução Urbana. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1958, p.15.
- ² Ibidem. O autor nos comenta as dificuldades em definir com clareza a posição das muralhas na cidade colonial, sendo polêmicas as reconstituições feitas nos escritos do final dos anos 50. Atualmente, Nestor Goular Reis acredita que a primeira área murada se restringiu apenas às proximidades do Pátio do Colégio e da Igreja Matriz, sendo que a ampliação que haveria sido levada a cabo por volta de 1580 teria alcançado a área do futuro largo da Misericórdia. Cf. REIS, N. G. *São Paulo: Vila, cidade, metrópole*. São Paulo: PMSP, 2004, p.24-5.
- ³ AZEVEDO. 1958, p.06-07.
- ⁴ PRADO Jr. Citado por BRUNO. 1984, p.1042.
- ⁵ Houve uma grande quantidade de chácaras que foram loteadas no período, como em: Higienópolis, Mooca, Pari, Barra Funda, Água Branca, Santa Ifigênia, Bom Retiro, Brás, Consolação, Liberdade, dentre outros locais.
- ⁶ Chamamos a atenção para o fato de que a Lei de Terras determinava que se deveria legalizar a posse das terras, antes em concessão, perante pagamento de taxas à Coroa. Dessa forma, foi um mecanismo que garantiu a manutenção dos grandes latifúndios, impedindo aos pobres, índios e negros alforriados o acesso à propriedade.
- ⁷ Dados do IBGE. http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/historico/tabelas/pop_brasil.php
- ⁸ AZEVEDO. 1958, p.86-92.
- ⁹ De acordo com Azevedo, não se têm claro quando a cidade transpôs o Anhangabaú, sendo o primeiro Viaduto do Chá (grande marco simbólico da transposição) inaugurado apenas em 1892. Idem, p.86
- ¹⁰ LANGENBUCH, J. R. *A estruturação da grande São Paulo: estudo de geografia urbana*. São Paulo: GE-FFLCH, Tese de Doutorado, 1971, p.128-9. De acordo com Sica, as primeiras intervenções “planificadas” nas cidades acontecem justamente com a introdução do sistema ferroviário. Como veremos em São Paulo, também foi indutor fundamental do crescimento citadino. Afirma Sica que: “*Las primeras intervenciones ‘planificadas’ sobre la base de una escala espacial ampliada, conforme a la lógica de un sistema sectorial, vienen provocadas por la introducción del transporte ferroviario. (...) el ferrocarril, con los lazos de sus líneas y las terminales de sus puntos de llegada, provoca la destrucción de seculares equilibrios ecológicos y la formación de nuevos sistemas morfológico-funcionales.*” SICA, P. *Historia del Urbanismo*. Siglo XIX. Madrid: IEAL, 1980, p.41.
- ¹¹ Este paisagista havia trabalhado com o célebre Auguste Glaziou, no Rio de Janeiro, responsável, dentre outras obras, pela reforma do Passeio Público, e que é considerado o introdutor do paisagismo romântico no Brasil.
- ¹² Cf. GIEDION. 1978a, p.662-71; SICA. 1980, p.101.
- ¹³ Dessa época são o Código de Posturas, de 1886, e o Código Sanitário, de 1894. Para maiores informações sobre as intervenções urbanísticas em São Paulo, Cf. CAMPOS NETO. 1999 e LEME. 1999.
- ¹⁴ SAINT-HILAIRE. 1976, p.178-9.
- ¹⁵ No âmbito internacional, tanto os hortos botânicos como a abertura dos jardins aristocráticos e a criação dos parques do século XVIII e XIX, atuaram no Brasil, como já visto, como modelos para a criação de espaços verdes urbanos. As regras de urbanidade e civilidade, as condutas, os códigos de comportamento e de apresentação pessoal marcam - também em São Paulo, ainda que não de modo tão preeminente como no Rio de Janeiro - esses espaços de encontro, exibição pessoal e de passeio, como o era o Jardim Público. Destaca-se o fato de que já em 1870 o Jardim Público encontrava-se em estado de alto abandono, o que indica a preferência das elites por usos de outras áreas, como os bares, cafés e determinadas praças e largos da área central.
- ¹⁶ BARTALINI. 1999, p.19.
- ¹⁷ Cf. FINA, W. M. A primeira perimetral e o Intendente de Obras Pedro Augusto Gomes Cardim. In: *Revista Engenharia Municipal*, v.2, n.5, p.15-6.
- ¹⁸ SIMÕES JR. 1995, p.82-3.
- ¹⁹ Anais da Câmara Municipal de São Paulo, p.41-2, citado por SIMÕES JR. 1995. Todas as citações presentes nesta tese tiveram seu português atualizado, quando se fez necessário. Por não se tratar de um trabalho de lingüística, optamos por essa decisão para facilitar a compreensão do leitor e como recurso de estilo.
- ²⁰ “*Em petição, datada de 14 de novembro de 1910, os srs. Conde de Prates, Plínio da Silva Prado, José Paulino Nogueira, José Martiniano Rodrigues Alves, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Arnaldo Vieira de Carvalho, Nicolao de Souza Queiroz, Barão de Bocaina, Alexandre de Albuquerque, Horacio Belfort Sábio e*

- Sylvio de Campos, pediram ao Congresso Legislativo do Estado, licença e concessão para, por si, empresa ou companhia, construir nesta capital três largas e extensas avenidas, com todos os melhoramentos modernos, a exemplo do que se tem feito nas grandes e mais adiantadas cidades.*” REVISTA DE ENGENHARIA. 1911, n.33, p.37.
- ²¹ Profissional com forte influência neoclássica, realizou, dentre inúmeros projetos, obras de significativa importância, como: o Teatro Municipal de São Paulo, o Liceu de Artes e Ofícios e o Palácio das Indústrias. Cf. SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1999, p.35.
- ²² REVISTA POLITÉCNICA. 1911, n.33, p.38.
- ²³ ALBUQUERQUE, A. *Arquitetura Moderna*. In: *Revista Politécnica*, n.102, 1931, p.397-8.
- ²⁴ LEVI, R. A arquitetura e a estética das cidades. In: *O Estado de São Paulo*, 15 de out. 1925; WARCHAVCHIK, G. *Acerca da arquitetura moderna*. In: *Correio da Manhã*, 1 de nov. 1925.
- ²⁵ FISCHER, S. *Ensino e profissão: o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo*. São Paulo: FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 1989, capítulo 2.
- ²⁶ Essa rua foi severamente criticada por Freire, por não ajudar, a seu ver, o descongestionamento do trânsito no local. FREIRE. 1911, p.108-9.
- ²⁷ Citado em SEGAWA, H. *Prelúdio da Metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p.90.
- ²⁸ FREIRE. 1911, p.125-6.
- ²⁹ FICHER. 1989. p.27.
- ³⁰ FREIRE. 1911, p.93
- ³¹ Veja-se, como exemplo, afirmação de Aarão Reis, ao tratar do seu projeto para a cidade de Belo Horizonte: “*no intuito de dar a semelhante trabalho a máxima perfeição, coligir tudo quanto, no estrangeiro*” [pudesse orientá-lo]. Cf. GOMES; M.A.; LIMA, F. J. *Pensamento e prática urbanística em Belo Horizonte, 1895-1961*. In: LEME. 1999, p.120. Prestes Maia faz afirmação de mesmo teor no Plano de Avenidas, do qual trataremos no capítulo 4.
- ³² Cf. biografia de Freire e como o autor define duas correntes de interpretação que entendem, por um lado, que sua formação na França determinou uma suposta ampla vinculação às referências deste país, e outra que defende sua influência estadunidense. COSTA, L. A. M. *Nem europeu, nem americano: Victor da Silva Freire e suas influências teóricas*. In: *Anais do IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. [Cd-Rom]. São Paulo: FAUUSP/Mackenzie, 2006. Este autor tentou ver a partir de citações de Freire com caráter técnico e não diretamente vinculados às reflexões urbanísticas (como o referente ao comércio de madeira no país da América do Norte e no Brasil) hipotéticas alusões ao urbanismo, o que nos parece uma leitura algo forçada.
- ³³ FREIRE. 1911, p.114-5.
- ³⁴ “*As cidades alemãs, essas, apresentam exemplo tão notável da sabia precisão dos seus dirigentes que os ingleses, seus primos mas não amigos, se preparam para imitá-las à risca. Nas próprias cidades inglesas são desconhecidas as ‘crises’ que em Paris se apresentam permanentes*”. Crítica a falta de um trabalho de conjunto na França, dizendo ainda que Paris, naquele momento estava “*um tanto apagada*”. FREIRE. 1911, p.94-5. Cf também a afirmação de Baxter sobre o *Städtebau*: “*The movement has manifold aspects, economic, social, and artistic. Its influence, already great outside of Germany, has been particularly strong in Great Britain, where in organizing movements for garden cities and model villages, and in shaping legislation dealing with town planning and the housing question, many leaves have been taken from German experience*”. BAXTER, S. *The German Way of Making Better Cities*. In: *Atlantic Monthly*, n.104, jul., 1909, p.72-95. Consultado em <http://www.library.cornell.edu/Reps/DOCS/baxter.htm>, em junho de 2007.
- ³⁵ Relembremos que a unificação da Alemanha em 1871 favoreceu o desenvolvimento da indústria no país e o surgimento de diversos planos de expansão para as cidades. Cf. BAXTER. 1909.
- ³⁶ Interessante ainda notar que há uma profusão de criação de escolas politécnicas na Europa Central na primeira metade do século XX, como a de Viena em 1815, a de Karlsruhe em 1825, a de Munique, em 1827, a de Dresden em 1828, a de Stuttgart, em 1829, etc. Cf. FICHER. 1989, Cap.1.
- ³⁷ SICA.1980,p.260. Cf. Tb. Baxter: “*The new school is particularly severe upon the ‘handsome-picture plan’ method which seeks a symmetrical layout and aspects of balance that are effective mainly upon paper, the qualities aimed at seldom counting for anything in practice. It has been remarked that to practice this method the sole equipment called for consists of nothing but straight lines and some circles. This academic procedure induces peculiarly involved street relations. Gurlitt remarks that the author of such planning, one might almost believe, appears to be influenced by considerations of arabesque ornament in his endeavour to bring together*

many lines at one spot, in order to create crossing-points for artistically working up his lacework of streets. Invariably typical of the 'handsome-picture plan' is the circle always created at such points of intersection. Open spaces of this sort are objected to as tending not only to monotony, but to obstructiveness--complicating, confusing, and entangling traffic, by causing several main thoroughfares to converge, thus tying up the streets into a sort of enlarged knot. These circles are monotonous; a city thus conventionally planned is dotted with them. But the proper sort of open space is developed out of local circumstances thoughtfully considered in careful planning according to topographical conditions." Consultado em <http://www.library.cornell.edu/Reps/DOCS/baxter.htm>, em junho de 2007.

- ³⁸ Dessas publicações apenas conseguimos exemplares em alemão, o que impossibilitou a leitura direta dos originais. Apoiamo-nos, então, nos textos da bibliografia de apoio, correlacionando-os com as imagens das obras originais no sentido de perceber de modo mais nítido as visões de parque de cada um deles. Cf. especialmente: LUQUE. 2004; PICCINATO, G. *La costruzione dell'urbanística Germania 1871-1914*. Roma: Officina, 1974; SICA. 1980, p.239-305. Trabalhamos com os originais: STÜBBEN, J. *Handbuch der Architektur: Unter Mitwirkung von Fachgenossen*. Darmstadt: Verlag Von Arnold Bergstrasser, 1890; EBERSTADT, R. *Handbuch des Wohnungswesens und der Wohnungsfrage*. Jena: Verlag Von Gustav Fischer, 1920.
- ³⁹ Owen assim descreve em sua Instituição para a Formação do Caráter, a área verde como espaço de separação e comunicação de distintas partes do espaço habitado e/ou cultivado: "*En el espacio desocupado dentro del cuadrado se hallan distribuidos los lugares para ejercicios físicos y recreación, los cuales se debe suponer que están arbolados (...). Fuera y detrás de las casas, en derredor, jardines circundados por caminos. Un poco más atrás, en un lado los edificios para las instalaciones mecánicas y productivas, las caballerizas, el matadero, etc., separados por plantaciones; en el otro lado, el lavadero, etc., y a una mayor distancia los edificios rurales (...); alrededor se encuentran campos cultivados, los prados, etc. cuyos cercados están plantados de frutales.*" OWEN, R. *Report to the country of Lanark, 1rst of may, 1820*. Citado por BENEVOLO. 1992, p.67. Charles Fourier ao comentar acerca da cidade do sexto período, em sua teoria da harmonia universal, escreve que: "*Es preciso delimitar tres zonas: la primera contiene la cité, o ciudad central, la segunda los suburbios y los grandes edificios, la tercera las avenues y la periferia. (...). Las tres zonas se encuentran separadas por cercados, arbustos, y plantaciones que no deben obstaculizar la visión. Cada casa de la cité tiene que estar dotada de espacios libres, con patios o jardines, equivalentes por lo menos a la superficie construida; estos espacios serán dobles en la segunda zona y triple en la tercera.*" Idem, p.83.
- ⁴⁰ Urbanista que realizou, dentre outros trabalhos, o plano de expansão para Dessau e foi o vencedor do concurso de 1892 para o plano de expansão de Munique (Camillo Sitte e Baumeister formavam parte do Júri). Em comum se vê a preocupação em circunscrever a cidade dentro da área definida pela linha férrea e em articular as áreas edificadas e sistemas de transportes com amplas áreas verdes.
- ⁴¹ Cf. SCHORSKE. 1980, p.24-115.
- ⁴² Manieri-Elia, ao tratar dos fenômenos de urbanização nos Estados Unidos e da valorização da quadrícula, elucida que ali "*la generalización del cuadrillage funciona como soporte neutral para la libre explotación de la plusvalía inmobiliaria*" e que "*em la retícula ya hay un principio de orden, racionalidad y medida, um elemental intento pacificador*". MANIERI-ELIA, M. Por uma ciudad imperial. In: CIUCCI. 1988, p.3-6.
- ⁴³ Cf. SUTCLIFFE, A. *Towards the Planned City: Germany, Britain, the United States and France, 1780-1914*. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1981, p.20-2.
- ⁴⁴ Confirma o capítulo V do libro STÜBBEN. 1890.
- ⁴⁵ PANZINI. 1993, p.286-7.
- ⁴⁶ Cf. LANGEN, G. *Städtpfan und Wohnungsplan*. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1927.
- ⁴⁷ Veja também BAXTER: "*The new art, as practiced in Germany, is a gradual development away from formal and geometrical ideas embodied in the checkerboard and gridiron plans that, in fact, derive themselves from a remote antiquity rather than from a Philadelphian modernity, and from the diagonal and radial systems for which the plans of Paris and Washington, as masterworks of their kind, are prototypes*". Consultado em <http://www.library.cornell.edu/Reps/DOCS/baxter.htm>, em junho de 2007.
- ⁴⁸ A aproximação de Sitte com as teorias formalistas da arte do período é nítida pela sua valorização dos aspectos visuais que conformam o espaço urbano analisado. Fiedler, em 1876, havia publicado o artigo *sobre el juicio de las obras de arte*, em que escrevia sobre o que poderia ser considerado estritamente artístico numa obra de arte e Sitte, o que busca, é, ao final, definir, ao olhar para a cidade pré-industrial, o que faz com que seja considerada um objeto artístico.
- ⁴⁹ Confirma o apêndice *O verde na metrópole*. In: SITTE, C. *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*. São Paulo: Ática, 1992, p.165-183.
- ⁵⁰ FICHER. 1989, Cap.1.

- ⁵¹ Victor da Silva Freire, segundo Campos Neto, teria participado deste evento. Entretanto, analisando os anais publicados, onde constam também os nomes dos membros e participantes, não pudemos localizar o nome de Freire. Ainda segundo esse autor, Freire teria participado, em 1913, do Congresso Internacional e Exposição Comparada de Cidades e do Congresso Internacional de Saneamento e Salubridade da Habitação na Bélgica; além dos Congressos de Habitação Econômica de Berlim e de Estradas, em Londres. CAMPOS NETO. 1999, p.129.
- ⁵² Podemos destacar as participações de Stübben e Eberstadt; como também as de Howard, Unwin, Patrick Geddes, Thomas Mawson, Pepler, Hénard, Burnham e Robinson, dentre outros muitos palestrantes. É sintomático perceber como as relações entre a produção alemã e a inglesa encontram uma sintonia de discurso no que se refere à produção de bairros verdes e suburbanos e em que a presença das teorias de Howard foi importantíssima. Por outra parte, também se verificam apresentações de comunicações que partem dos pressupostos do *City Beautiful* americano e do academicismo francês, além de visões realmente impactantes do fenômeno urbano e das respostas que se poderiam dar, especialmente com a palestra de Hénard. Cf. RIBA. *Transactions of the Town Planning Conference, Oct. 1910*. London: RIBA, 1910.
- ⁵³ SUTCLIFFE. 1981, p.47-87.
- ⁵⁴ Ledoux e outros arquitetos do século XVII já haviam postulado a importância do verde na moral e na definição de bons costumes para os homens e em especial para as classes trabalhadoras. Também é no século XVII que aparece a teoria miasmática e até os descobrimentos de Pasteur, emergia como resposta lógica ao problemas das contaminações. Essa recuperação na Inglaterra do século XIX de ambas teorias se dá em um momento de brutal crescimento das áreas urbanizadas e das populações urbanas, e dos problemas sanitários e higiênicos, em que as más condições de vida e falta de áreas verdes estavam conjugadas com a propagação de doenças e problemas sociais.
- ⁵⁵ Hampstead Garden Suburb Act, de 1906.
- ⁵⁶ Cf. Capítulo 1.
- ⁵⁷ LUQUE. 2004, p.11. Também vale lembrar que desde as *National Conferences on City Planning*, nos Estados Unidos, assinalavam-se as limitações do *City Beautiful* e propalava-se a necessidade de um planejamento urbano integral. Manieri-Elia afirma ainda que o *City Planning* aparece em 1907, sobrepondo-se justamente ao declive do movimento *City Beautiful*. In: CIUCCI. 1988, p.119. Veja ainda passagem da conferência de Unwin na TPC de 1910, comentando o urbanismo na Alemanha: “*The importance of so designing plan of a town that interesting and beautiful street pictures can be created as a result of it has been very fully recognized by the Germans, in the strong reaction which has taken place in their cities against the geometrical style of town planning which they followed in the early years of the modern revival of the art*”. Desenvolve na seqüência como considera que há que aprender dos alemães o tratamento pinturesco das ruas e o respeito pela geografia, colocando logo alguns pontos de distanciamento em relação ao *City Beautiful* estadunidense. Cf. UNWIN, R. *The City Development Plan*. In: RIBA. 1910, p.247-65.
- ⁵⁸ Aqui usamos a versão: HÉNARD, E. *Etudes sur les transformations de Paris et autres écrits sur l’urbanisme*. Paris : L’Equerre, 1982. Em relação a essa influência no urbanismo francês, podemos retomar a menção ao livro de Hénard e sua valorização da relação entre o *planning* britânico e a criação de áreas verdes, bem como a adoção de princípios pinturescos em contraposição à homogeneidade e monotonia dos grandes traçados acadêmicos. Vale lembrar também como o movimento cidade-jardim adquire força na França no mesmo período, com a criação da *Association Française des Cites Jardins*, em 1903, com as publicações posteriores e em vários projetos no pós Primeira Guerra. Cf. GAUDIN, J. P. *The French Garden City*. In: WARD, S. *The Garden City: past, present and future*. London: E & FN Spon, 1992, p.53-66.
- ⁵⁹ BRUANT. 1996, p.167-8. Seria, em 1913, no congresso de Gand, na Bélgica que seus representantes passariam a participar ativamente das discussões internacionais, como congressistas, de acordo com PIRES, J. R. *Goiania – La ciudad Premoderna del “Cerrado”*: Modernidad y Ciudad Jardín en la urbanística de la nueva capital del Estado de Goiás. Barcelona: UPC, Tese de Doutorado, 2005, p.96.
- ⁶⁰ Desde essa primeira etapa, as idéias de separação da cidade em partes essenciais (como a moradia, a circulação, as áreas verdes, etc.) conformando um todo articulado, como o fez Hénard ao projetar sua *Ville d’Avenir* comparando-a a uma grande máquina, como a militância em favor de dotar as cidades de ar, luz e verde, estão presentes nas discussões de personagens como Le Corbusier. Este, em especial, esteve muito atento a esses atores, como pode ser a clara referência a Hénard ao pensar a cidade como máquina ou mesmo quando adota e transforma a idéia dos edifícios em *Redans* em meio ao verde, descrito no segundo capítulo do livro de Hénard, retrabalhando-os na *Ville Contemporaine* e na *Ville Radieuse*.
- ⁶¹ PEPLER, G. L. *Greater London*. In: RIBA. 1910, p.611-20.
- ⁶² HÉNARD. 1982, p.58.

- ⁶³ Idem, p.80.
- ⁶⁴ FREIRE. 1911, p.110.
- ⁶⁵ Os principais alargamentos e prolongamentos propostos se concentram na Rua Libero Badaró e Rua São João, a primeira possuiria de 18 a 20 metros de largura e a segunda até 40 metros.
- ⁶⁶ FREIRE. 1911, p.104-5.
- ⁶⁷ Cf. BLOCH. 1961, p.16-40.
- ⁶⁸ Cf. SITTE. 1992 e HÉNARD. 1982, p.301-328.
- ⁶⁹ De acordo com Terra, a palavra “pitoresco” tem sua datação em português em 1833 e “pinturesco”, em 1838. Em ambas terminologias se vê claramente a referência ao modelo paisagístico inglês do Oitocentos e às pinturas de paisagem também realizadas no período por personagens como Nicolas Pousin e Claude Lorrain. Cf. TERRA, C. Influências externas para a arborização no Brasil. In: TERRA, C. (coord.). *Arborização: ensaios historiográficos*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2004, p.41.
- ⁷⁰ FREIRE. 1911, p.99-100. Sobre os modelos da quadrícula e de ocupação espontânea na colonização iberoamericana, confira o célebre texto *O semeador e o Ladrilhador*, de Sérgio Buarque de Holanda. HOLANDA. 1963, p.93-138.
- ⁷¹ FREIRE.1911, p.127-8.
- ⁷² Idem. p.130
- ⁷³ Idem. p.126. Comenta ainda o capítulo 4 do livro de Hénard, ao criticar a proposta de construir edifícios na área do *Champs de Mars* e da conseqüente perda de uma importante área verde.
- ⁷⁴ DAL CO. 1988, p.181.
- ⁷⁵ Cf. DÜMPELMANN, S. The Park International: Park System Planning as an International Phenomenon at the Beginning of the Twentieth Century. In: *GHI Bulletin*, n.37, 2005, p.75-86.
- ⁷⁶ PETTENA, G.; ALEX, W. *Frederick Law Olmsted: l'origine del parco urbano e del parco naturale contemporaneo*. Firenze: Uffizi, 1996, p.86. Giedion comenta como este conceito não é de todo claro e adota definição de Hubbard: “*es um parque atenuado, com uma carretera que lo atraviesa*”. Cf. GIEDION. 1978a, p.768-77.
- ⁷⁷ OLMSTED, F. L. *Public parks and the enlargement of towns*. Cambridge: Riverside Press, 1870.
- ⁷⁸ Edward Bellamy, em 1888, escreveu um romance em que tratava da cidade de Boston no ano 2000, de caráter social-utópico, em que descrevia uma cidade sã, bela e imersa no verde. Este livro se realizou, por tanto, depois dos trabalhos de Olmsted na cidade e participa deste contexto de valorização da criação de espaços urbanos em que a presença da natureza fosse massiva. Cf. BELLAMY, E. *Looking Backward 2000-1887*. New York: The Modern Library, 1982.
- ⁷⁹ Neste livro define os elementos que devem estar presentes em um sistema de parques: grandes reservas e paisagens protegidas, os parques suburbanos, os grandes parques urbanos, os parques pequenos, os jardins de bairros, os terrenos de recreação que poderão abranger os jardins infantis e, por fim, as ‘*avenues-promenades*’. FORESTIER, J. C. *Grandes Villes et Systèmes de Parcs*. Paris: Éditions Norma, 1997, p.59.
- ⁸⁰ Report of the Senate Committee on the District of Columbia on the Improvement of the Park System of The District of Columbia. In: <http://www.library.cornell.edu/Reps/DOCS/parkcomm.htm>. Consultado em 21 de oct. De 2007.
- ⁸¹ A entrada da idéia de sistema de parques no Brasil merece um estudo a parte, mas pode-se dizer que já no Plano para a cidade de Belo Horizonte, de Aarão Reis, de 1895 se encontra essa preocupação.
- ⁸² FREIRE. 1911, p.132-3.
- ⁸³ Apresenta as mesmas imagens comparativas entre Paris e Londres a respeito das áreas verdes. Além de outras menções sobre o caso inglês: “*São estas três circunstâncias, diz Vierendeel, população enorme, aumento anual considerável, pequena mortalidade, que tornam particularmente interessante o estudo das condições urbanas da metrópole inglesa. Tão interessante que se puseram todos, todos sem exceção, a imitá-las. Primeiramente os alemães, depois os americanos, apesar das suas más administrações*”. FREIRE. 1911, p.129-30.
- ⁸⁴ Idem. p.131.
- ⁸⁵ REVISTA DE ENGENHARIA. 1911, p.40.

- ⁸⁶ Cf. OLIVEIRA. 2003, p.120-3; PANZINI. 1993, p.213-9 e 282-300; e PICCINATO. 1993, p.366-7.
- ⁸⁷ Citado por PANZINI. 1993, p. 286. Presente também em PICCINATO. 1993, p.366.
- ⁸⁸ SEGAWA. 2004, p.64.
- ⁸⁹ REVISTA POLITÉCNICA. 1911, p.42-3.
- ⁹⁰ Cf. ÇELIK, Z. Bouvard's Boulevards: Beaux-Arts Planning in Istanbul. In: *The Journal of the Society of Architectural Historians*, v.43, n.4, dez., 1984, p.341-55. O autor comenta como Bouvard realiza o ante-projeto sem mesmo visitar a cidade, a partir de um conjunto de fotografias, e que ignorou a topografia, propondo a partir de princípios *Beaux-Arts* de regularidade e simetria, a criação de grandes eixos e vistas perspécticas.
- ⁹¹ Cf. COLLINS, C. C. Urban Interchange in the Southern Cone: Le Corbusier (1919) and Werner Hegemann (1931) in Argentina. In: *The Journal of the Society of Architectural Historians*, v.54, n.2, jun., 1995, p. 208-27.
- ⁹² BERJMAN, S. *Plazas y parques de Buenos Aires: la obra de los paisajistas franceses*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1998. Aqui nos parece interessante transcrever um trecho de um comentário de Victor Jaeschké citado pela autora que ilustra bem esse desconforto com as aberturas de diagonais e traçados retilíneos propostos por Bouvard: “*nos había embargado el temor de que M. Bouvard, acostumbrao a enderezar las calles tortuosas de París y a trazar avenidas en linea recta, para hacer contrastes con las curvas que allí existen en exceso, no fuera el hombre más indicado para venir a corregir la planta urbana de Buenos Aires (...) no se ha dado cuenta de que aquí tenemos náuseas de líneas y ángulos rectos!*” p.190.
- ⁹³ REVISTA POLITÉCNICA. 1911, p.42.
- ⁹⁴ Idem.
- ⁹⁵ Sobre o plano de Bouvard para Buenos Aires, confira, dentre outros: NOVICK, A. Planes versus proyectos: algunos problemas constitutivos del urbanismo moderno. Buenos Aires, 1910-1936. In: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq057/arq057_01_e.asp. Consultado em 22 de junho de 2007.
- ⁹⁶ Forestier esteve presente em Buenos Aires em 1924, colaborando no chamado “Plano Noel” e recordamos, ainda, que Jausseley em visita à cidade em 1926 também nega a quadrícula, considerando-a anacrônica. Cf. GUTIÉRREZ, R. Los inicios del urbanismo em la Argentina. Parte 1 – El aporte Francés. In: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq087/arq087_01.asp. Consultado em 30 de agosto de 2007.
- ⁹⁷ LEME, M. C. *Formação do Urbanismo em São Paulo como campo de conhecimento e área de atuação profissional*. São Paulo: FAUUSP, 2000, p.43-4.
- ⁹⁸ Cf. BACELLI, R. *A presença da Cia. City em São Paulo e a implantação do primeiro bairro jardim 1915-1940*. São Paulo, 1982. Cópia conseguida junto ao Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento.
- ⁹⁹ REVISTA POLITÉCNICA. 1911, p.43.
- ¹⁰⁰ Idem.
- ¹⁰¹ GUARALDO, E. *São Paulo, paisagem e paisagismo na Primeira República*. São Paulo: FAUUSP, Dissertação de Mestrado, 1995, p.99 e p.102. A autora afirma que Vacherot teria realizado o projeto definitivo do Parque do Anhangabaú e cita o livro do paisagista francês, *Parcs et jardins au commencement du XXème siècle*, ao fazer referência à imagem do projeto. Ao consultar o livro não se encontrou tal informação, como tampouco havia a referida imagem. Com o qual não se pôde comprovar tal informação.
- ¹⁰² Informações retiradas das fichas presentes no acervo de projetos do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo. Cf. também: KLIASS. 1993, p.111-130.
- ¹⁰³ BRUNO. 1984, p.1007.
- ¹⁰⁴ Sobre o projeto de Ramos de Azevedo, cf. SEGAWA. 1999, p.39-42 e sobre a história do Parque do Ipiranga, veja documentação do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo – DEPAVE-PMSP.
- ¹⁰⁵ Citado por KLIASS. 1993, p.117.
- ¹⁰⁶ Sobre o Parque Náutico, discutiremos com maior detalhe no capítulo 5.
- ¹⁰⁷ Interessante notar que em 1908 realiza outro projeto de inspiração romântica, para a ESALQ-USP e de 1907 a 1909 o mesmo profissional haveria de projetar os jardins em torno ao atual Museu Paulista, optando por um desenho cuja geometria estava definitivamente marcada pelo academicismo *Beaux-Arts*. Cf. GUARALDO, E. *Repertório e Identidade: espaços públicos em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 2002, p.106-10 e MACEDO; SAKATA. 2003, p.175.

- ¹⁰⁸ Lei publicada pela Prefeitura Municipal de São Paulo. Cópia verificada no acervo do CDT-DEPAVE.
- ¹⁰⁹ KLIASS. 1993, p.116.
- ¹¹⁰ COCHET, E. Relatório ao anteprojeto para o Parque da Várzea do Carmo. Citado por KLIASS. 1993, p.117.
- ¹¹¹ Seu contemporâneo, Jules Vacherot, que trabalhou como jardineiro-chefe da Exposição de Paris de 1900, quando Bouvard era o diretor geral da mesma, comenta bem em seu tratado, como deveria ser esse “gênero” de parque “paysager”, apresentando uma descrição pormenorizada dos seus elementos e de como devem ser projetados. Cf. VACHEROT, J. *Parcs et jardins au commencement du XXe siècle*. Paris : Octave Doin, 1908, p.51-340.
- ¹¹² BRUNO. 1984, p.1012.
- ¹¹³ Sobre o terceiro parque mencionado por Bouvard, não há informações precisas sobre qual seria. Alguns autores como Toledo e Kliass admitem que teria sido o Parque Buenos Aires, outros como Guaraldo, apontam para o projeto de um parque na Chácara da Floresta.
- ¹¹⁴ Como menciona BARTALINI. 1999, p.19.
- ¹¹⁵ ANDRADE; LEME. S/D, p.106-14.
- ¹¹⁶ PIRES DO RIO, J. *Melhoramentos do Rio Tietê*. São Paulo: PMSP, 1926, p.4-6.
- ¹¹⁷ Sobre o abastecimento de água em São Paulo e a polêmica sobre o uso do Tietê para esse fim veja: VICTORINO, V. Uma visão histórica dos recursos hídricos na cidade de São Paulo. In: *Revista Brasileira de Recursos Hídricos*, v.7, n.1, jan.-mar., 2002, p.51-68.
- ¹¹⁸ Os ofícios foram reproduzidos em artigo do Diretor de Obras Municipais: FREIRE, V. S. A Canalização do Rio Tietê no território da Capital e municípios adjacentes. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. IV, n.19, jan., 1923, p.182-9.
- ¹¹⁹ Ibidem.
- ¹²⁰ “É preciso que o leito fluvial não se distenda em um serpenteamento longuíssimo, com fraca declividade e diminuta velocidade das águas na estiagem. A retificação do leito se impõe na parte abaixo da Ponte Grande onde se faz atualmente o lançamento em natura dos esgotos da cidade.” RODRIGUES, J. A. F. Relatório do Prof. J. A. da Fonseca Rodrigues. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. IV, n.19, jan., 1923, p. 190-7.
- ¹²¹ Idem. p.185. Para maiores informações confira também: SILVA, L. P. *Relatório - Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê*. São Paulo: PMSP, 1950; BRITO, S. *Defesa contra inundações*. In: *Obras completas de Saturnino de Brito*, v.XIX, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde / Instituto Nacional do Livro/ Imprensa Nacional, 1944.
- ¹²² Cf. as palavras de Freire em BRITO. 1944, p.140-2.
- ¹²³ ULHÔA CINTRA, J. F. Nota sobre o relatório, apresentada pelo engenheiro da municipalidade, J. F. de Ulhôa Cintra. In: *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. IV, n.19, jan., 1923, p.195.
- ¹²⁴ Lewis foi engenheiro chefe de Brooklyn de 1902 a 1920, escreveu o referido livro em 1916 e em 1921 assumiu a diretoria do levantamento físico do Plano Regional de Nova York, que seria publicado por Thomas Adams em 1929. Cf. *Planning of the Modern City*. A Review of the Principles Governing City Planning. New York: John Wiley & Sons, 1916.
- ¹²⁵ Relembremos que a taxa defendida por Cintra é ainda menor a que defendera anos antes Freire, quando propôs a relação de 11,4 m²/hab.
- ¹²⁶ ULHÔA CINTRA. 1923, p.196.
- ¹²⁷ A referida Ponte Grande, atual Ponte da Bandeiras, era a continuação da Avenida Tiradentes em direção à Santana, sendo a Chácara da Floresta a área compreendida por ela, o rio Tietê e o canal do Tamanduateí.
- ¹²⁸ Em 1919, se construiu um hangar e uma pista de pousos e decolagens na área conhecida como Campo de Marte a partir da doação da área pela prefeitura à Força Pública do Estado. Passa a funcionar como campo de treinamento para pilotos e ao longo dos anos foi recebendo diversas construções consolidando sua função aeroportuária. Há um projeto contemporâneo para converter essa área em um parque. Cf. http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/patrimonio_historico/institucional/0065, consultado em 13/09/2007.
- ¹²⁹ Cf. PIRES DO RIO. 1926, p.9-10.
- ¹³⁰ Sobre este trabalho confira: ANDRADE. 1992.

- ¹³¹ PIRES DO RIO. 1926, p.15. Contando-se também as obras de mesma natureza pensadas para o rio Pinheiros, Pires do Rio calcula que só nestas áreas marginais se conseguiria mais 4-5 milhões de m² destinadas a ruas e parques.
- ¹³² “Graças a esses trabalhos que sanearam enxugando-as, as várzeas que circundam o coração da cidade, pode a municipalidade transformá-las nos magníficos parques do Anhangabaú e Pedro II. Também do Rio Tietê não se esqueceu o Estado. Já nos primeiros anos da República, quando o Governo empreendeu com energia o saneamento da Capital, Santos, Campinas e outras cidades então assoladas por epidemias, a retificação do rio Tietê e o enxugo e drenagem de suas várzeas foram incluídas entre as obras projetadas.” Idem. p.4.
- ¹³³ Idem. p.6.
- ¹³⁴ Beigueman comenta que infelizmente as propostas de Brito de represamento no Alto Tietê se deixam de estudar com a decisão de se construir a represa de Guarapiranga, o que somente iria ser recuperado como tese para a solução das enchentes nos anos 70. BEIGUELMAN, P. Problemas hidrológicos da grande São Paulo. In: *Ciência e Cultura*. v.56, n.3, jul-set., 2004.
- ¹³⁵ “Communism is a most excellent principle, and all of us are Communists in some degree, even those who would shudder at being told so. But though Communism is an excellent principle, Individualism is no less excellent. A great orchestra which enraptures us with its delightful music is composed of men and women who are accustomed not only to play together, but to practice separately, and to delight themselves and their friends by their own, it may be comparatively, feeble efforts. (...) Now, do not the whole series of communistic experiments owe their failure largely to this – that they have not recognised this duality of principle, but have carried one principle, excellent enough in itself, altogether too far? They have assumed that because common property is good, all property should be common; that because associated effort can produce marvels, individual effort is to be regarded dangerous, or at least futile, some extremists even seeking to abolish altogether the idea of the family or home. No reader will confuse the experiment here advocated with any experiment in absolute Communism.” HOWARD, E. *To-Morrow: a peaceful path to real reform*. London: Swan Sonnenschein & CO. Ltd Paternoster Square, 1898, p.96-7.
- ¹³⁶ Kant foi um dos autores que influenciou Howard. Na *Crítica de la Razón Práctica* trata do conhecimento, da natureza; na *Crítica de la Razón Pura* escreve acerca da liberdade e da moral e no terceiro livro, *La Crítica del Juicio*, busca articular os dois edifícios, tratando dos fenômenos da beleza e da arte, em que propõe, dentre outras inúmeras coisas, a crítica do belo, do gosto e do sublime. A apreciação da beleza, para Kant, se daria pelo que é prazenteiro sem interesse, pela forma final e de maneira universal, necessária e subjetiva. A estrutura tripartida e a vontade de articular natureza e liberdade humana aparecem também em Howard em sua proposta: “But neither the Town magnet nor the Country magnet represent the full plan and purpose of nature. Human society and the beauty of nature are meant to be enjoyed together. The two magnets must be made one. (...) The town is the symbol of society – of mutual help and friendly co-operation, of fatherhood, motherhood, brotherhood, sisterhood, of wide relations between man and man – of broad, expanding sympathies – of science, art, culture, religion. And the country! The country is the symbol of God’s love and care for man. (...) Town and Country must be married, and out of this joyous union will spring a new hope, a new life, a new civilization”. HOWARD. 1898, p.09-10.
- ¹³⁷ PANZINI. 1993, p. 265.
- ¹³⁸ Essa associação foi fundada em 1923, dentre outros, por Henry Wright, Lewis Mumford, Clarence Stein e Catherine Bower.
- ¹³⁹ Neste último caso, uma das principais referências será o livro de Unwin, *Town Planning in Practice*, de 1909, que apresenta uma especial atenção para a criação de subúrbios, a partir de uma adaptação dos preceitos de Howard, como resposta imediata para as necessidades de expansão das cidades. Aqui usamos a segunda edição: UNWIN, R. *Town Planning in Practice: an introduction to the art of designing cities and suburbs*. London: T. Fishcer, 1911.
- ¹⁴⁰ É esse o momento de constituição inicial do que Langenbuch chamaria de um “cinturão de loteamentos residenciais suburbanos”. LANGENBUCH. 1971, p.137.
- ¹⁴¹ BACELLI. 1982, p.23-31.
- ¹⁴² Sobre a obra de Parker em São Paulo, confira antes de tudo: ANDRADE. 1998.
- ¹⁴³ Cf. Idem. O autor afirma que o projeto inicial da Avenida Anhangabaú pode ter sido concebido por Freire e que Parker haveria interferido em seu traçado.
- ¹⁴⁴ Cf. BACELLI. 1982, p.164.
- ¹⁴⁵ ANDRADE. 1998, p.286. Há discrepância de informações entre o afirmado pelo referido autor e os documentos do Centro de Documentação do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo

(DEPAVE). Nestes últimos, afirma-se que Parker retira os caramanchões do Parque Villon já em 1912 e que a área é doada à Prefeitura em 1924. O pesquisador Andrade, por sua vez, menciona que já em 1911 a municipalidade compra a área e que o projeto de Parker se deu em 1918. Coerente com a sabida vinda do arquiteto inglês, coincidimos com esta última alegação e assumimos que o projeto seja de então. Pudemos comprovar que o local foi de fato vendido, através da escritura de compra, processo nº4. 114/11, por quantia de 350 contos de réis tendo como vendedores o Sr. Francisco Matarazzo e esposa, e como compradora a Prefeitura Municipal de São Paulo. Sobre o parque da zona norte, talvez se trate do Parque Náutico que, como vimos, vinha sendo objeto de estudos.

¹⁴⁶ Essa opção seria uma possível justificativa para que o *ring park* deixasse os já existentes assentamentos da Vila Gomes Cardim, do bairro do Ipiranga e da Lapa para fora desta demarcação.